

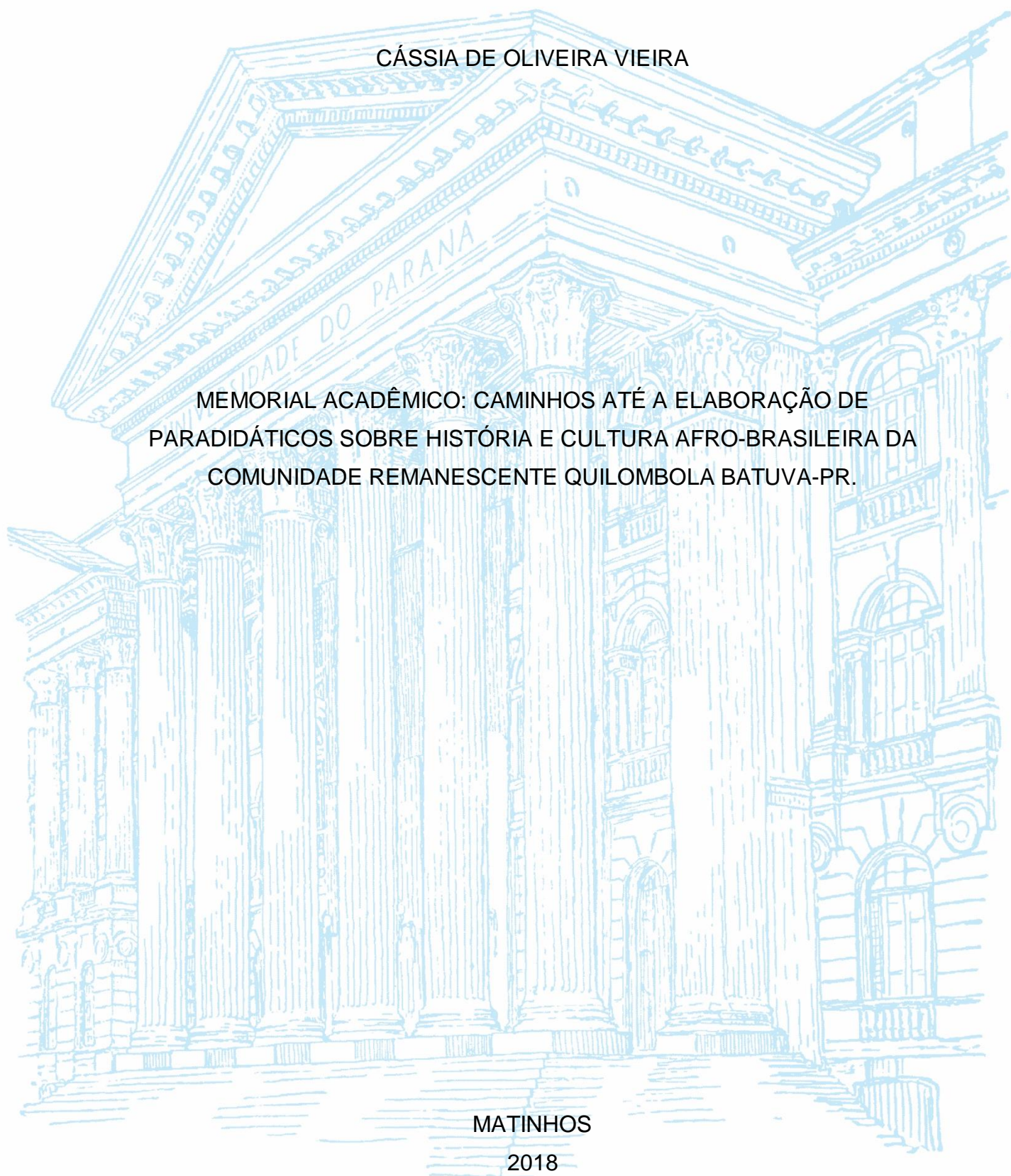
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CÁSSIA DE OLIVEIRA VIEIRA

MEMORIAL ACADÊMICO: CAMINHOS ATÉ A ELABORAÇÃO DE
PARADIDÁTICOS SOBRE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA DA
COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA BATUVA-PR.

MATINHOS

2018



CÁSSIA DE OLIVEIRA VIERA

MEMORIAL ACADÊMICO: CAMINHOS ATÉ A ELABORAÇÃO DE
PARADIDÁTICOS SOBRE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA DA
COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA BATUVA-PR.

Memorial acadêmico apresentado ao curso de Graduação em Linguagem e Comunicação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Linguagem e Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Josefina Ferrari

MATINHOS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

CÁSSIA DE OLIVEIRA VIEIRA

MEMORIAL ACADÊMICO: CAMINHOS ATÉ A ELABORAÇÃO DE
PARADIDÁTICOS SOBRE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA DA
COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA BATUVA-PR.

Memorial acadêmico apresentado ao curso de Graduação em Linguagem e Comunicação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Linguagem e Comunicação.

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Orientador(a) – Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Matinhos, 26 de Novembro de 2018.

Dedico este memorial aos quilombolas Prof. Ilton Gonçalves e Valdirene Cordeiro da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora e amiga Ana Josefina Ferrari por ter oferecido as bases teóricas e suporte acadêmico. A sua paciência e amor pelo trabalho me deram forças para seguir em frente.

Agradeço o apoio que minha filha me deu nessa caminhada, sem você ao meu lado esse trabalho não faria sentidos.

Agradeço imensamente a hospitalidade e trocas de conhecimentos com os quilombolas da comunidade de Batuva no litoral do Paraná, de forma direta ao líder da comunidade professor Ilton Gonçalves, aos seus filhos e netos e a sua esposa dona Águeda.

Aos meus pais que fizeram um esforço para compreender minhas rotinas acadêmicas.

Agradeço aos mestres do curso por toda dedicação com o meu crescimento.

“O trabalho mais importante é aquele realizado com o cérebro, com o coração e alma.” (GONÇALVES, 2013, p.131)

RESUMO

O presente memorial acadêmico descreve a caminhada realizada desde minha infância até a produção de paradidáticos sobre história e cultura afro-brasileira da comunidade quilombola de Batuva PR. O relato deste memorial começa nos meus anos iniciais, passa pelo ensino médio e chega na Universidade Federal do Paraná Setor Litoral. A universidade me propiciou participar do projeto Licenciar Mutirão da memória: a história e cultura afro-brasileira nas escolas do litoral do Paraná. Desses trabalhos em diálogo com o projeto Licenciar, FTPs, IChs e PA do Setor Litoral, resultaram as minhas pesquisas de história e cultura afro-brasileira nas escolas. O produto obtido dessas pesquisas foi de dois artigos. O primeiro traz um levantamento bibliográfico de literatura infanto juvenil afro-brasileira. O segundo artigo traz uma análise de dois livros de literatura infanto juvenil afro-brasileira e foi apresentada, uma parte na UNICAMP e a outra em um simpósio na UEPG. A produção de materiais paradidáticos direcionados para professores do ensino fundamental e médio. O primeiro material paradidático traz conhecimentos sobre as comunidades quilombolas no Brasil e no Paraná. Já o segundo apresenta os princípios fundamentais da Educação do Campo. Em cada tópico abordado na trajetória acadêmica é feita uma reflexão e uma análise de como estas experiências fundamentaram minha profissionalização.

Palavras-chave: Memorial acadêmico. Levantamento bibliográfico. Análise do discurso. Educação do Campo. Quilombola.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ALIMENTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BATUVA ^[OBJ]	
FIGURA 2 – ESTUDANTES DA UFPR LITORAL CAPINANDO A ROÇA.....	21
FIGURA 3 – ESTRADA PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BATUVA ^[OBJ]	
FIGURA 4 – CAMINHO DO TAGUAR ^[OBJ]	
FHYPERLINK "bookmark://_Toc510715050"IGURA 5.....	25
FIGURA 6 - PAGINA INICIAL DO BLOG MUTIRÃO DAS MEMÓRIAS.....	26
FIGURA 7 – III ENCONTRO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARANÁ.....	28
FIGURA 8 – SEDE E BIBLIOTECA DA CRQ DE BATUVA	29
FIGURA 9 - TRECHO DO LIVRO MINHA TRISTE ALEGRE HISTÓRIA DE VIDA.	30
FIGURA 10 – CONTAÇÃO DA HISTÓRIA <i>MICAIÁ</i> NA ESCOLA EZEQUIEL PINTO DA SILVA	31
FIGURA 11 - BOLSISTAS E VOLUNTÁRIOS NO 8º SIEPE.....	32
FIGURA12 - SACOLA DIDÁTICA.....	36
FIGURA 13 – APRESENTAÇÃO NO SIPA.....	39
FIGURA 14 – APRESENTAÇÃO DE PÔSTER NA UNICAMP	40

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO ^[OBJ]	
GRAFICO 2 – LEVANTAMENTO DAS INSCRIÇÕES DO I ERER.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

- SISU - (Sistema de Seleção Unificada)
- PPP – (Projeto Político Pedagógico)
- FTPs – (Fundamentos Teóricos Práticos)
- ICH – (Interações Culturais Humanísticas)
- PA – (Projeto de Aprendizagem)
- APL – (Aprendizado Parcial Pleno)
- APS – (Aprendizado Parcial Suficiente)
- AI – (Aprendizado Insuficiente)
- MS – (Mato Grosso do Sul)
- PR – (Paraná)
- EJA – (Ensino de Jovens e Adultos)
- SEED/PR – (Secretária de Estado da Educação do Paraná)
- MAE - (Museu de Arqueologia e Etnografia)
- SIEPE – (Semana Integrada de Ensino Pesquisa e Extensão)
- NEABi+ litoral – (Núcleo de Estudos Afro-brasileiro do Setor Litoral)
- ERER – (Extensão em Relações Étnicos Raciais)
- SEPOL – (Seção de Políticas Afirmativas, Assuntos Estudantis e Comunitários)
- COMPIR (Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial)
- UNESPAR – (Universidade Estadual do Paraná)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 ANOS INICIAIS	12
1.2 ENSINO MÉDIO	13
2 ENSINO SUPERIOR	15
2.1 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL	16
2.2 ICH (INTERAÇÕES CULTURAIS HUMANÍSTICAS)	19
3 PROJETO MUTIRÃO DA MEMÓRIA: HISTÓRIA E A CULTURA AFRO BRASILEIRA NAS ESCOLAS DO LITORAL DO PARANÁ	22
4 IERER (EXTENSÃO EM RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS)	33
5 ARTIGOS	38
5.1 APRESENTAÇÕES DE ARTIGOS EM EVENTOS	40
6 PARADIDÁTICOS	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
8 REFERÊNCIAS	43
9 ANEXO 1 – ARTIGO HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICOS FEITO NA INTERNET E NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS PR	44
10 ANEXO 2 – ARTIGO DESCRIÇÃO DA REFERÊNCIA “MENINA NEGRA” NOS LIVROS INFANTIS: DISTRIBUIDAS NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MATINHOS PR	63
11 ANEXO 3 – PARADIDÁTICO SOBRE AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS	79
12 ANEXO 4 – PARADIDÁTICO SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO	89

1 INTRODUÇÃO

1.1 ANOS INICIAIS

Nasci no dia 17 de Janeiro de 1988, no município de Paranhos, estado do Mato Grosso do Sul. Passei minha infância em um sítio com meu irmão e meus pais. O sítio ficava uma distância de 20 km da cidade. Na época a família toda ajudava na plantação de feijão para vender na cidade. Uma de minhas recordações da nossa vida no campo era de ver minha mãe subindo em uma bicicleta com várias sacolas de feijão para vender na cidade de Paranhos. Tenho lembranças felizes no sítio, lá eu brincava com os porcos, bois, vacas e com as galinhas da granja. No começo morávamos embaixo de um barracão de lona, uma vez houve uma tempestade forte que arrancou uma parte da lona e ficamos alguns dias dormindo sem teto, vendo a lua e as estrelas. Depois de um tempo meus pais conseguiram comprar tijolos e começaram a construir uma casa simples, porém com mais segurança.

Quando fiz 06 anos meus pais me colocaram na 1º série do ensino fundamental. Com essa idade comecei a esperar o ônibus escolar no ponto que ficava em cima de um morro com uma árvore, na frente do sítio dos meus pais. No início minha mãe ficava comigo esperando o ônibus, mas com o tempo eu ia sozinha no ponto. Lembro que o ônibus era muito lotado e algumas crianças ficavam em pé, segurando em um cano que atravessava o ônibus. O trajeto era simples, de estrada de chão batida, o que facilitava a ida até a cidade, mas único problema é que todas as crianças chegavam sujas porque era uma terra marrom e fazia muito poeira em época de escassez de chuva.

A escola em que estudava era ou é não sei dizer se ainda está funcionando, mas era uma escola pública de ensino fundamental que ia até a 5º série. A escola me acolheu bem, as crianças também, brincávamos muito e lembro que nas aulas de português tínhamos cadernos de caligrafia, para aprender a escrever as letras e frases com o avanço das séries. Fui uma criança que gostava de aprender tudo que me ensinavam, mas nem todas as professoras gostavam de mim. Nunca me esquecerei de Maria uma professora que chamava minha atenção por sempre conversar na sala de aula. Essa professora me chamava na frente da mesa dela e batia na minha mão com uma palmatória, ou quando não vinha até a minha carteira pra puxar minhas orelhas.

Além desses momentos negativos na escola, passei alguns apuros. Uma vez perdi o ônibus e tive que ir embora a pé, cheguei no sítio com medo e cansada, porém acabei apanhando da minha mãe por ter perdido o ônibus, muitas vezes passei do ponto para descer no sítio e acabava descendo em uma fazenda vizinha e vinha embora sozinha também. A relação minha com o campo e a educação na infância me proporcionaram uma retomada dessas memórias que resignifiquei na minha vida acadêmica. Quando existe esse esforço de rememorar, sinto alegria fui uma criança feliz apesar das dificuldades, brincava com os bichos e ajudava minha mãe nos afazeres da casa e meu pai na plantação de feijão.

Com o tempo a vida financeira dos meus pais ficou difícil, não conseguiam mais tirar o sustento das vendas de feijão. Um dia no sítio aconteceu uma geada prejudicou toda a colheita. Então meu pai tomou uma decisão difícil, vendeu o sítio e se juntar com um irmão para entrar como sócio em uma rede de lojas. Como não tínhamos onde morar, meus avós paternos nos acolheram no município de Nova Andradina. Mas em dois meses nos mudamos novamente para uma cidade chamada Ivinhema. Nesta cidade meu pai trabalhou em uma loja de confecções de roupas, como sócio proprietário com meu tio. Fui matriculada na escola estadual Felinpo Muller para terminar o ensino fundamental II. A escola não era longe de minha casa, então eu ia a pé. Fui bem recebida e sempre conseguia me enturmar fácil com outros colegas da escola.

1.2 ENSINO MÉDIO

Alguns anos depois, minha família se mudou novamente, dessa vez para o município de Sidrolândia. Nessa cidade meus pais compraram um salão para abrir uma loja de roupas com meus pais como proprietários. Nessa cidade vivi quase 13 anos. Na minha adolescência tive meus círculos de amizades, fiz parte de um time de futebol de campo feminino na cidade, sempre estava envolvida com esportes. Andava de bikecross e frequentava competições e participava de trilhas com meus amigos. Também me envolvi em um projeto de capoeira que acontecia na praça central da cidade durante 02 anos. Fui uma adolescente ativa, gostava de me envolver em atividades que me interessavam.

Meu ensino médio ocorreu na escola Sidrônio Antunes de Andrade. Foi nessa época que minhas aproximações com a leitura e escrita foram maiores, gostava de ler

livros de ficção científica e literatura fantástica. Mas na escola minhas notas eram baixas, principalmente no conteúdo de Língua Portuguesa e Física. O ensino de Língua Portuguesa era voltado para a metalinguagem e a gramática descritiva, com provas de preencher lacunas de 40 questões exaustivas e enfadonhas. Nas redações e resumos conseguia tirar notas boas, mas com alguns problemas de pontuação. Tive muita dificuldade com a gramática no ensino médio, não conseguia decorar regras e isso me fez se sentir incapaz.

Hoje, que compreendo mais sobre o universo do ensino, percebo que não obtive um aprendizado pleno e isso afetou profundamente meus estudos em um curso de licenciatura. Terminei o ensino médio sem compreender de fato os funcionamentos da linguagem, a sua *'farmacologia linguística'* como diria meu professor de Literatura, Fábio Messa. O ensino médio não me deu um suporte adequado para enfrentar os vestibulares, mas me trouxe um olhar mais atento à educação. Para prestar os vestibulares, tive que buscar nos cursinhos preparatórios que, por sinal, a palavra já remete seu significado de preparar e não pra buscar o saber.

2 ENSINO SUPERIOR

Ingressei através do vestibular no curso de Administração na UNIDERP (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal). Uma faculdade privada que me demandou 03 anos de angústia, pois não era o que eu queria profissionalmente. Tentei concluir a carreira porque era a vontade do meu pai e não obtive sucesso. Desisti no 2º ano do curso e não quis mais voltar a cursar um ensino superior. Desde então, minha vida tomou outros sentidos. Minha filha nasceu em 2007, Amanda Vieira de Souza, e um novo olhar sobre o mundo começou, mas ainda assim, voltar a estudar estava fora de cogitação naquele momento.

Em 2012 tomei uma grande decisão na minha vida, mudei do estado do Mato Grosso do Sul para morar no estado do Paraná, no município de Matinhos. Vim para o município com meus pais, meu irmão e minha filha, que, na época, tinha 04 anos. O principal motivo da mudança foi por causa da saúde da minha mãe. O médico dela orientou que se tivéssemos condições financeiras, mudássemos para um lugar ao nível do mar, por conta de sua pressão e saúde frágil. Não tínhamos condições financeiras, mas meu pai vendeu o que podia para acontecer a mudança de estado.

Precisei trabalhar no comércio de Matinhos, como atendente e vendedora, nos 03 primeiros anos. Meus empregos ajudava sustentar minha filha e as despesas da casa.

Em 2014, trabalhei em uma imobiliária, no cargo de atendente administrativa, quando decidi se inscrever para o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio). Eu sabia que precisava melhorar de vida e que isso aconteceria somente através dos estudos. A minha intenção era de ingressar em algum curso superior que me motivasse a fazer a diferença ao redor, nem que fosse pequena, mas que fizesse algum sentido para mim. Quando saiu a inscrição para o SISU (Sistema Unificado), que dá a oportunidade de através da nota obtida pelo ENEM ingressar em um ensino superior. Fiz todo o processo e consegui ingressar no curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação, na Universidade Federal do Paraná, no campus Litoral. O SISU e ENEM foram programas que abriram as portas para meu ingresso no universo acadêmico e para minha formação profissional futura.

2.1 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR LITORAL

Ingressar em uma universidade federal é uma grande oportunidade para qualquer estudante de escola pública. Esse campus, que se situa no município de

Matinhos, no litoral do Paraná, tem um PPP (Projeto Político Pedagógico) voltado para a autonomia do acadêmico em sala de aula. A universidade traz uma metodologia pedagógica divididas em FTPs (Fundamentos Teóricos Práticos), PA (Projeto de Aprendizagem) e os ICHs (Interações Culturais Humanísticas).

No começo do curso, senti um estranhamento com os métodos de aprendizagem. Tanto meu ensino fundamental quanto o ensino médio estavam baseados em metodologias de ensino tradicional, utilizadas usualmente em escolas públicas. As escolas não tinham bibliotecas adequadas, o ensino das matérias era superficial, ensinavam o necessário para as provas avaliativas. No ensino médio não se falava sobre autonomia nem responsabilidades pelo dizer ou aprendido.

Comparando as diferenças entre ensino básico vivenciado e os FTPs do Setor Litoral, notei que os anos EM que fiquei dentro de uma escola, durante 4 horas do meu dia, não me proporcionaram elementos para ser uma aluna com uma visão crítica, que me encorajasse a me posicionar diante de algum assunto. Sentia insegurança e medo de chamar o professor e fazer perguntas e, principalmente, exercer um diálogo com eles. Esse ensino me causou um bloqueio. Aos poucos esse bloqueio foi sendo derrubado com as vivências no Setor Litoral. O trabalho cooperativo de dar voz aos diferentes agentes sociais e culturais me fez compreender que é possível trabalhar por uma sociedade mais sustentável, econômica, ecológica e cultural.

O que me surpreendeu no Setor Litoral são as atividades oferecidas não somente para os estudantes, mas também para a comunidade local. Qualquer cidadão tem direito de participar de palestras, oficinas e ICHs. Ainda são pouco divulgadas as atividades que ocorrem no Setor Litoral para a comunidade. Porém, ao longo dos anos presenciei melhorias, como em alguns ICHs de semestres passados que utilizaram a praça central da cidade e as praias. Com isso, a visibilidade do Setor aumentou e as pessoas foram se aproximando mais da universidade.

As ICHs dão ênfase à formação cultural, ética e humanizada dos estudantes, são interações entre alunos de diversos cursos com professores mediadores. Proporcionou-me um conhecimento diferente dos fundamentos teóricos práticos do curso. Os ICHs são propostas por alunos ou professores que queiram compartilhar um determinado conhecimento para outros que se interessam pela mesma temática. Quando um aluno propõe um ICH precisa de algum professor do Setor para mediar.

Este eixo tem 20% de aprendizado dentro do histórico acadêmica, é avaliativo e obrigatório.

Nesse eixo escolhi o que gostaria de aprender em cada semestre, frequentei um ICH sobre os novos métodos de ensinamentos educacionais em escolas pelo Brasil e mundo, mediados pela professora Lenir do curso de licenciatura em ciências. Nos outros semestres aprendi sobre vôlei, teoria e prática, com alunos do curso de Licenciatura em Ed. Física, uma ICH de cinema e literatura com a proposta de ler um determinado livro e depois ver o filme dele e fazer atividades de discussão e reflexão, também com um professor de educação física mediando alunos do curso que tinham o interesse e já fui proponente em um ICH que trabalhava a pedagógica da alternância em um quilombo, mas descreverei sobre mais pra frente.

A avaliação também é um diferencial no campus, formalizados em conceitos: APL, que é quando o aluno teve uma aprendizagem plena no semestre, AS, quando a aprendizagem é suficiente, APS, quando o aluno teve uma aprendizagem parcialmente suficiente e AI, que seria uma aprendizagem insuficiente. Como eu saí de um ensino médio de notas de 0 a 10, foi um processo lento até compreender o sistema da universidade. Mas depois do primeiro ano letivo, entendi como que nós alunos somos tratados como seres individuais, onde cada um tem suas particularidades. O cuidado com o aprendizado de cada um é um grande diferencial dessa universidade. Deixo aqui uma citação que afirma bem a responsabilidade da proposta pedagógica do campus litoral com o acadêmico.

O estudante é incentivado a perceber criticamente a realidade, compreender os diversos aspectos que a estruturam e a estabelecer ações onde a busca de conhecimento se encontra com situações da realidade local, configurando relações entre pessoas, saberes e instituições, entre elas a UFPR e a comunidade da região litorânea. Tais ações podem contemplar uma diversidade de possibilidades, desde que alie o aprofundamento metodológico e científico. Contemplam também uma transição para o exercício profissional. (PPP UFPR LITORAL, 2008, p. 29).

Os eixos me propuseram uma caminhada de aprendizado até meu encontro com a minha linha de pesquisa. O módulo de prática de leitura e produção de texto me deu suporte para começar a escrever de forma mais clara e coesa. “O texto em sala de aula” livro escrito por João Wanderley Gerald, me mostrou maneiras de trabalhar em sala de aula a gramática dentro do texto. Esse livro além de ser uma

leitura de fácil acesso, é um guia para me dar suporte quando estiver no chão da sala de aula. Porém, encontrei alguns textos acadêmicos com uma leitura difícil e nesse módulo aprendi a utilizar algumas ferramentas de leitura que ajudaram a ler esses textos. Compreendi nos módulos de estudos linguísticos e de língua portuguesa o funcionamento da nossa língua. Descobri com os aprendizados que obtive nos fundamentos teóricos e práticos uma autonomia intelectual.

O processo emancipatório foi dando forma quando comecei a trabalhar com o PA (Projeto de Aprendizagem), que dá ênfase na pesquisa em temas escolhidos pelos alunos. O PA foi um desafio estabelecido, ter a oportunidade de escolher desde o início da graduação a pesquisa que deseja seguir é ao mesmo tempo importante para o processo de aprendizagem do aluno como também assustador. O ensino básico que frequentei não deu atenção necessária para esses métodos de pesquisa e escrita.

No começo do módulo de PA minha pesquisa era sobre um Jornal Escolar. A intenção era montar um Jornal Escolar e fazer circular no setor abordando temas e textos escritos pelos estudantes. Porém, não me tocou profundamente como havia imaginado. Logo depois os enunciados do projeto que trabalhava começaram a me atravessar, percebi que não somos nós que escolhemos a pesquisa, mas é a pesquisa que vem ao nosso encontro. E a temática sobre história e cultura afro-brasileira me amarrou nas teorias, textos e assuntos relacionados. Desde minha infância na zona rural, a adolescência na escola sem contato com materiais que falavam dos primeiros povos negros do MS, com a minha filha que é parda e eu branca passando por situações de dizeres preconceituosas. A pesquisa iniciou com o levantamento bibliográfico de materiais didáticos nas escolas do município de Matinhos, e depois para uma análise de dois livros, até chegar na produção de paradidáticos.

O módulo opcional EJA (Educação de Jovens e Adultos) ofertado, pela Prof^a Elisiani Tiepoldo, me ensinou sobre as contribuições que Paulo Freire teve para educação popular e de jovens e adultos. O PPP do setor reforça os métodos de ensino do nosso educador Paulo Freire, mas também os seus ensinamentos baseados no diálogo e no amor, que observamos em seu livro “Pedagogia do Oprimido”. É latente essa educação mais humanizada no Setor Litoral. Posso dizer que esse módulo me fez compreender que estou no caminho que Paulo Freire gostaria que seguisse, sendo certo ou não para a sociedade é esse o caminho que pretendo trilhar. Lutar junto a luta dos oprimidos.

Ser dono do teu dizer e ter responsabilidade sobre só me ensinou na interação com a universidade. A participação em movimentos que acontecem dentro do Setor, como estudos, palestras, semanas acadêmicas, projetos científicos, são atividades que me ensinaram a ser responsável pelas minhas ações. E foi trabalhando em um projeto dentro da universidade que compreendi o meu papel na educação.

2.2 ICH (INTERAÇÕES CULTURAIS HUMANÍSTICAS)

Dois ICHs terão destaques na minha trajetória acadêmica, porque me envolvi na organização e realização. O Ich *Afrobetizar* iniciou no ano de 2016, proposto pela professora Ana Josefina Ferrari do curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação, juntamente com o movimento feminista negro Preta Ginga, da UFPR litoral. O objetivo da ich era de que as meninas do movimento fossem protagonistas do *Afrobetizar*, propondo metodologias e ações para ensinar sobre história e cultura afro-brasileira. Teve aproximadamente um total de 20 inscritos de diversos cursos que tinham interesse sobre a temática. Foram feitas atividades de leituras, filmes com debates e reflexões sobre os assuntos e brincadeiras africanas. No final desenvolvemos uma intervenção no Setor com cartazes de poesias de escritores (as) negros (as), montamos um varal em locais estratégicos do setor litoral.

Tive a oportunidade de ser proponente do *ICH no Quilombo* e foi logo aberto no ano de 2017. O objetivo foi de levar a comunidade acadêmica vivenciar a práxis o cotidiano de uma comunidade tradicional do litoral do Paraná.

Como havia já uma relação com a comunidade de Batuva, foi feita uma reunião com o líder da comunidade Prof. Ilton Gonçalves para analisar as datas e disponibilidades dos integrantes da comunidade para saídas de campo com os alunos do *ICH no Quilombo*. As saídas de campos foram preparadas conforme a agenda da comunidade. Aos sábados o grupo saía às 06h00min da manhã com um ônibus ofertado pela UFPR Litoral e ia até a comunidade de Batuva com chegada prevista às 11h00min. A família do prof. Ilton recebeu o grupo com carinho e um cuidado ímpar. Os integrantes da comunidade organizaram um cronograma para o grupo.

Os estudantes eram encaminhados para a sede da comunidade, lá com todos sentados, a orientadora do ICH juntamente com o professor Luizão, faziam uma breve apresentação e passavam a palavra para o prof. Ilton Gonçalves. Os alunos foram orientados em um encontro em sala de aula que elaborassem perguntas para o líder,

que envolvessem temas de leis latifundiárias, manuseio das terras, história da trajetória dos quilombolas, religião, cultura entre outras.

A conversa só terminava com a dona Águeda, esposa do professor, avisando que o almoço estava na mesa. O almoço sempre foi elogiado por todos que passaram na casa dos quilombolas. Um almoço feito com produtos colhidos da terra em que plantavam, sem agrotóxicos. Um dos ingredientes principais era a Jìçara, um palmito saboroso da região.

FIGURA 1 – ALIMENTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BATUVA



FONTE: Cássia Vieira (2018).

Após o almoço, um dos integrantes da comunidade levava para um passeio dizendo que '*servia para fazer digestão*', o passeio pelo caminho do Taguari a divisa do Paraná com São Paulo. Esse caminho serviu de muitas histórias, pois antigamente era um rio que com o tempo se secou e virou um caminho que todos os quilombolas usam até hoje. Um caminho difícil, mas com uma beleza digna da natureza.

Para concluir a saída de campo, o grupo foi levado para trabalhar na roça. A função era pegar nas enxadas e ir carpir um pedaço para a plantação de mandioca, ou Jìçara.

FIGURA 2 – ESTUDOS DA UFPR LITORAL CARPINANDO A ROÇA



FONTE: Ana Josefina Ferrari (2017).

3 PROJETO MUTIRÃO DA MEMÓRIA: A HISTÓRIA E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS DO LITORAL DO PARANÁ

A inserção no projeto começou quando no primeiro ano letivo, decidi parar de trabalhar e me dedicar somente ao curso. No começo tentei conciliar o curso com o trabalho, mas não foi possível por diversas questões que envolviam distância, não conseguir conciliar vida pessoal, trabalho, e atividades do curso. Foi uma escolha difícil, porém necessária; o apoio dos meus pais para cuidar da minha filha que já estava com 07 anos quando ingressei no curso foi extremamente importante. Quando descobri que a universidade ofertava bolsas para trabalhar em projetos, fiz a inscrição em um projeto que veio do encontro com minhas vivências no estado do Mato Grosso do Sul. As professoras Ana Josefina Ferrari e Graciela Areu, ofertaram 01 vaga de bolsista para o projeto Mutirão da memória¹. Li a respeito do projeto e do objetivo que estava em uma pasta na recepção para por o nome de quem gostariam de participar da seleção que consistia em uma entrevista. O objetivo principal do projeto era fomentar nas escolas e nas licenciaturas o trabalho com a história e cultura afro-brasileira e africana, através de análise e produção de materiais didáticos.

Retomei em minhas memórias onde fiz meu ensino médio os livros didáticos e conteúdo que eram apresentados pela escola e professores. Esses livros não tinham história e cultura dos que ali fundaram, principalmente sobre a cidade em que morava. Na cidade de Sidrolândia, no MS, existiam aldeias indígenas inseridas dentro da cidade, eram como se fossem bairros que pertenciam às aldeias. As festas indígenas tinham o ano todo e jogos de futebol de campo, onde sempre jogava o time da cidade com o time da aldeia. No cotidiano, vivíamos a cultura e uma história rica dos povos que ali fundaram a cidade, mas na escola não eram mencionados. Mas no dia do índio os caciques iam até as escolas para fazer apresentações. Se a história dos índios que ali viviam não aparecia nos planos de aula dos professores, muito menos se falava sobre história e cultura dos afro-brasileiros do município.

¹ Projeto Mutirão da Memória: a história e a cultura afro-brasileira nas escolas do Litoral do paraná, com Registro Geral nº 1215 no Programa Licenciatura da Pró-Reitoria de Graduação e educação profissional da Universidade Federal do Paraná, sob a coordenação da professora Ana Josefina Ferrari, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão.

No litoral do Paraná poderiam também esses povos estar invisíveis nas escolas. No entanto, aqui no litoral a comunidade caiçara é bem vista e existem trabalhos e movimentos em torno da cultura e história dos caiçaras. Mas a cultura afro-brasileira, também é bem vista? Os povos negros, que vieram parar no litoral do Paraná estão representados nos livros didáticos? Diante dessas indagações fiz a entrevista, busquei ser a mais sincera possível dizendo que precisava da bolsa por conta do dinheiro, pois não estava trabalhando e se recebesse a bolsa seria uma estudante responsável pelos trabalhos do projeto.

Consegui a bolsa e entrei para o projeto, mas meu amor pelo projeto ultrapassou pagamentos de bolsistas, pois quando o projeto não tinha verba, continuava os trabalhos sendo voluntária. A coordenadora do projeto Ana Josefina Ferrari afirmou que o projeto tinha firmado uma parceria com uma comunidade remanescente quilombola chamada Batuva-PR, e que aconteceriam viagens de campo para a comunidade algumas vezes ao mês. Não tinha conhecimento algum dessa comunidade e só tive conhecimento quando fiz a primeira viagem a Batuva. Essa comunidade tem referenciamento geográfico no município de Guaraqueçaba, porém é uma comunidade bem afastada, aproximadamente umas 5 horas de viagem, passando por Morretes e Antonina, chegando a uma estrada de chão. Ali se inicia um trajeto de difícil acesso para automóveis, com pedregulhos, buracos e estrada de chão íngreme de subidas e descidas. Uma pequena serra de estrada de chão, que quando fica plano a estrada em dias de muitas chuvas não há acesso para Batuva por causa de um rio que transborda.

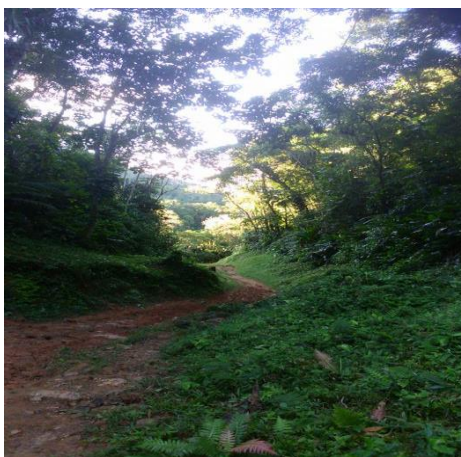
FIGURA 3 – ESTRADA PARA A CRQ DE BATUVA



FONTE: Cássia Vieira (2017).

O líder da comunidade professor Ilton Gonçalves que vive com sua família no sítio Coqueiro, inserido na comunidade de Batuva, foi quem nos acolheu durante todos esses anos no projeto Licenciatar: mutirão da memória. Ilton Gonçalves é quilombola, escritor do livro “Minha triste alegre história de vida” e um líder que defende os direitos dos quilombolas por todo o Brasil. Os antepassados do professor Ilton chegaram por Cananéia município de São Paulo, todos que visitam a casa do professor Ilton, são levado para conhecer o caminho do Taguari, que é chamado pelos locais de ‘*Tambalaságuas*’ onde se encontra a divisa de São Paulo/ Paraná.

FIGURA 4 – CAMINHO DO TAGUARI



FONTE: Cássia Vieira (2015).

LEGENDA: No caminho do Taguari se encontra a divisa de São Paulo com o Paraná.

O projeto teve início em 2015 e trabalhou os anos 2015/2016/2017, fortemente com a comunidade de Batuva. No ano de 2016, quando entrei no projeto era somente eu de bolsista e a coordenadora. Viajávamos duas vezes ao mês para Batuva de combi com um motorista ofertado pela UFPR. As saídas de campo para Batuva eram aos sábados às 06h00min da manhã para voltar no domingo à noite, uma viagem exaustiva, porém satisfatória. No início do projeto estreitamos os laços com a comunidade e alguns quilombolas tiveram cursos de redação para fazer o vestibular da UFPR litoral. A professora Ana Josefina orientou exercícios de escritas para os quilombolas ficarem mais familiarizados com as regras de uma redação de vestibular. Professor Ilton Gonçalves, seus dois filhos e alguns outros quilombolas ingressaram no curso de Educação do Campo, no Campus Litoral.

Os quilombolas vinham em encontros quinzenalmente para estudar na UFPR Litoral e ficavam 04 dias hospedados na casa da prof^a Ana Josefina, assim algumas vezes o projeto se encontrava com o líder da comunidade. A reunião com os bolsistas e voluntários acontecia na sala 34B, do Setor Litoral, todas as segundas e quartas feiras, para ler textos e organizar cronogramas de atividades. Também eram feitas reuniões na casa do professor Ilton líder da comunidade, com intuito de propor meios que facilitasse as entregas de documentos acadêmicos, pois nenhum deles sabia utilizar e-mail. A distância e o prazo que a universidade oferecia para estudantes ao todo também foi um impasse a resolver, pois não condizia com a realidade de um quilombola, que vive em um lugar afastado.

No final do ano de 2016, ofertamos um curso básico de informática para os quilombolas de Batuva. O curso foi ofertado na escola de ensino fundamental da comunidade, pois lá na escola era o único lugar onde funcionava internet. Então levamos quem gostaria de aprender a abrir um e-mail e a utilizá-lo. Tivemos alguns contratempos, para não influenciar no cotidiano dos quilombolas, como o trabalho na roça e ir aos cultos religiosos nos sábados. Trabalhar o máximo com o tempo que era possível. Mas o que dificultou foi a internet, que não funcionava corretamente e nem o sinal de telefone. O curso foi concluído, no começo de 2017, com mais um bolsista trabalhando, e os alunos tiveram um aprendizado satisfatório.

FIGURA 5 – CURSO BÁSICO DE INFORMÁTICA EM BATUVA



FONTE: Cássia Vieira (2016).

Para difundir os trabalhos do projeto, montamos um Blog com intuito de levar os frutos colhidos, com materiais e notícias sobre a história e cultura afro-brasileira. A

internet no século XX é uma das principais ferramentas para se buscar informações, e com ela poderíamos alcançar a comunidade do litoral e os professores da rede de ensino. O link do Blog ficará disponível nas referências deste trabalho.

FIGURA 6 – PAGINA INICIAL DO BLOG MUTIRÃO DAS MEMÓRIAS



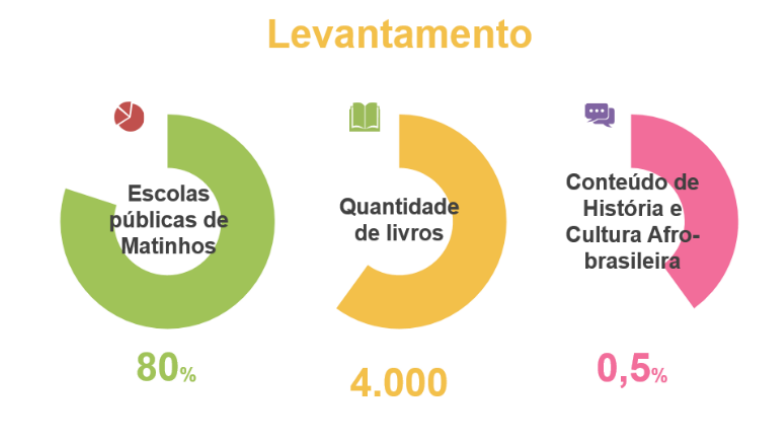
FONTE: Cássia Vieira (2016).

Foi feito também um levantamento bibliográfico nas escolas municipais e estaduais de Matinhos PR, com o objetivo de descobrir quantos livros existem nessas escolas e quais são esses livros sobre a temática. O primeiro levantamento foi feito na Escola Municipal 08 de Maio. Naquele momento já estava inserida na escola observando um projeto de capoeira do mestre Bacico. O projeto de capoeira tinha como objetivo levar para os alunos de escolas municipais o conhecimento da capoeira e também a história e cultura afro-brasileira.

Diante das observações propus para a direção da escola uma oficina de leitura com as crianças que não participavam das atividades, por motivos religiosos ou de pais que não aceitavam os filhos aprenderem sobre a capoeira e sua história. Para elaborar as oficinas de leitura, precisava saber se tinham livros sobre a temática de história e cultura afro-brasileira. A partir do levantamento na escola 08 de maio o projeto encarregou os bolsistas de dar continuidade em outras escolas do município: Escola Municipal Wallace Tadeu de Melo e a Escola Municipal Caetana Paranhos. Com as atividades dos levantamentos bibliográficos, o projeto formou um laço com a SEED/PR (Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná), para avançarmos

os levantamentos também nas escolas estaduais: Escola Estadual Gabriel de Lara, Escola Estadual Sertãozinho, Escola estadual Professora Tereza Ramos. Todos os levantamentos feitos estão no blog Mutirão das Memórias. Segue um gráfico que mostra os dados obtidos pelo projeto Licenciar Mutirão das memórias sobre os levantamentos bibliográficos.

GRÁFICO 1 – LEVANTAMENTO BIBLIOGRAFICO



FONTE: PROJETO MUTIRÃO DA MEMÓRIA (2018)

Os materiais didáticos de história e cultura afro-brasileira ainda são poucos, mesmo havendo leis que estabelecem a inserção de livros e conteúdos sobre a temática. Diante desses dados alarmantes, os próximos passos do projeto foram de propor oficinas de leituras e contações de histórias tanto na comunidade quilombola de Batuva como nas escolas do litoral.

Participei do III Encontro das Comunidades Tradicionais do Litoral do Paraná que foi no MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) com o grupo Mutirão Mais Cultura. O encontro foi para debater questões de turismo de base comunitária, entre outros assuntos. Tive a oportunidade de dialogar com as comunidades indígenas e caiçaras que estavam presentes, uma experiência rica de trocas de saberes. Esses indivíduos possuem uma sabedoria ímpar em relação à natureza e os seres vivos. Todos os grupos com suas histórias e culturas, que ultrapassam séculos de resistência.

FIGURA 7 – III ENCONTRO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARANÁ



FONTE: Cássia Vieira (2017).

No mesmo ano de 2017, organizamos uma biblioteca na associação da comunidade de Batuva, uma sede que foi levantada pela comunidade com a participação na construção e finalização da coordenadora do projeto. Na sede eram feitas as reuniões dos integrantes da comunidade. No decorrer da construção do espaço foi doado um acervo bibliográfico com livros que vieram de diversos espaços institucionais e de pesquisadores que passavam pela comunidade. Pensando nisso, propusemos aos integrantes da comunidade de Batuva que organizássemos uma biblioteca.

A biblioteca foi aos poucos sendo montada e catalogada, mas foi um longo processo até a finalização. O fato de o acesso até a comunidade ser difícil e os cronogramas não serem compatíveis com o do líder professor Ilton Gonçalves. No entanto, a biblioteca foi montada e continuamos com a catalogação até o ano de 2018.

FIGURA 8 – SEDE E BIBLIOTECA DA CRQ DE BATUVA

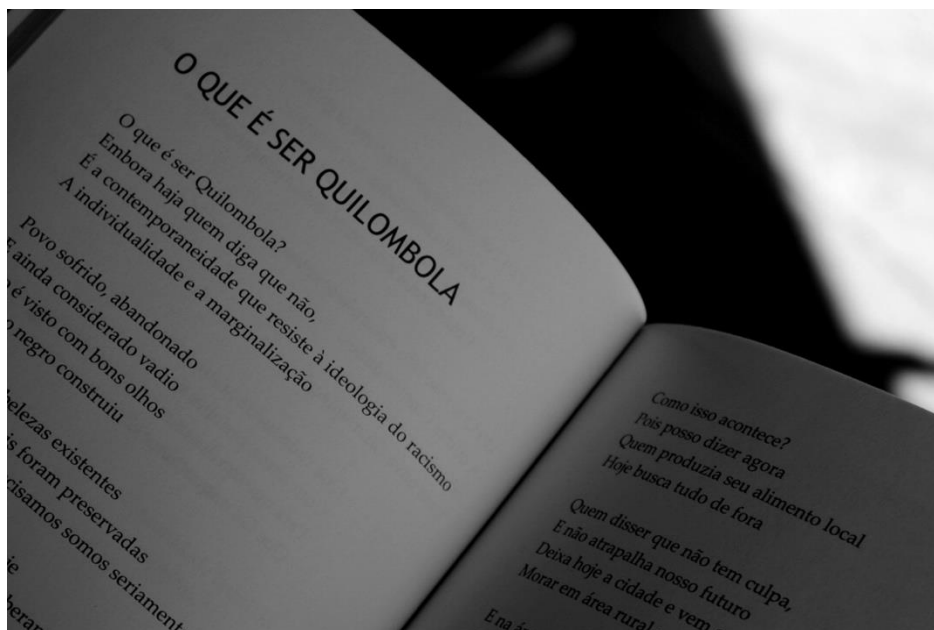


FONTE: ANA JOSEFINA FERRARI (2015).

Com a sede da comunidade e biblioteca prontas, propusemos atividades para as crianças da comunidade. Em uma outra ida fizemos uma contação de histórias e passamos alguns materiais em CD, da Cor da Cultura, utilizando um lençol na parede de madeira da sede e um Datashow que levamos do projeto. Reunimos algumas crianças de diferentes faixas etárias, mas conseguimos ensinar com os conteúdos que passamos, pois é através da interação com o outro que nasce o saber.

Antes de terminar o ano, continuamos o curso de informática, porém voltado agora para o manuseio de ferramentas multimídias. Fizemos uma parceria com um aluno do curso de Artes da UFPR Litoral para dar aulas de edição de vídeo para os integrantes da comunidade. Esse curso era um sonho para a Valdirene Cordeiro, filha do professor Ilton Gonçalves, para montar vídeos que mostrassem o cotidiano de um quilombola. Valdirene e outros quilombolas tiveram aulas e aprenderam a manusear as ferramentas necessárias, que fizeram com que ela produzisse alguns vídeos de muita riqueza histórica sobre o cotidiano quilombola e da comunidade de Batuva.

FIGURA 9 – TRECHO DO LIVRO MINHA TRISTE ALEGRE HISTÓRIA DE VIDA.



FONTE: Denis Capetta (2018).

O ano de 2017 foi um ano produtivo para nós do projeto Licenciatar: Mutirão das Memórias. Além do projeto, ficamos em consonância com outro projeto de extensão de arquivo e memória quilombola que tinha como objetivo disponibilizar, mapear, resgatar, compilar, catalogar, sistematizar e difundir as produções simbólicas e materiais produzidos pelas comunidades remanescentes de quilombo.

No ano de 2018, fizemos uma parceria com a mestra Edicélia Maria dos Santos Souza, que faz parte da Rede de Mulheres Negras do Estado do Paraná, e é membro do Movimento Negro Aqualtunê da cidade de Paranaguá. Edicélia é pesquisadora da educação infantil escolar quilombola no Estado do Paraná e, com isso, nos juntamos para levar ao litoral a história e cultura afro-brasileira.

Ofertamos contações de histórias na escola municipal Ezequiel Pinto da Silva, situada em Pontal do Paraná. Nessa escola, levamos para todas as salas a contação da história de *Iemanjá*, porém como as questões de tolerância religiosa ainda ecoam nas instituições escolares. Optamos por mudar alguns nomes na história, assim *Iemanjá* passou a se chamar *Micaia* na língua Banto e alguns outros nomes na história também foram alterados.

As contações foram um processo de aprendizagem que me fizeram atravessar um obstáculo pessoal. Sentia insegurança em sala de aula e sempre ficava ansiosa até o ponto de falar palavras erradas e trocar o R pelo L, minha língua enrolava com a ansiedade. Mas antes das contações, a coordenadora do projeto,

trabalhou algumas técnicas de falas e apresentações. A primeira contação foi apresentada em uma sala onde tinha alunos que aprendiam teatro. O meu desempenho foi decepcionante, fiquei tão nervosa que quando sai da escola não lembrava nada do que tinha dito e acontecido. Mas aos poucos fui me sentindo confiante e percebendo que essa dinâmica de contar histórias faz com que os alunos aprenderam a temática de uma forma mais lúdica a temática.

FIGURA 10 – CONTAÇÃO DA HISTÓRIA *MICAIÁ* NA ESCOLA EZEQUIEL PINTO DA SILVA



FONTE: Cássia Vieira (2018).

O SIEPE (Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão) é um evento que acontece no início do mês de Outubro todos os anos na Universidade Federal do Paraná, na matriz de Curitiba. Tem o objetivo de divulgar atividades e programas acadêmicos coordenados pelas diferentes Pró-Reitorias de Extensão, Iniciação Científica e Licenciatura. O projeto Licenciatura: Mutirão das memórias participa do eixo ENAF (Encontro de Atividades Formativas); minhas apresentações no SIEPE começaram no ano de 2016. No primeiro ano do evento, apresentei sozinha, organizei um slide mostrando as atividades que foram trabalhadas no ano. Por mais que no curso de Linguagem e Comunicação os professores pedissem que alguns trabalhos fossem apresentados em forma de seminários, ainda me sentia insegura para apresentar na frente de pessoas. No SIEPE, a pressão parecia ser maior, porque havia pessoas desconhecidas e uma banca com 03 avaliadores que depois lançavam uma nota para o projeto apresentado. Mas foi com as dificuldades que enfrentei no SIEPE que aprendi a lidar com apresentações em público.

FIGURA 11 – BOLSISTAS E VOLUNTÁRIOS NO 8º SIEPE



FONTE: Livia Stramare (2017)

4 | EREER (EXTENSÃO EM RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS)

No segundo semestre de 2018 desenvolvemos o I EREER, Curso de (Extensão de Relações Étnicos Raciais). O curso já era pensado há alguns anos pela Ana Josefina Ferrari coordenadora do projeto Licenciatar: mutirão das memórias. Diante das problemáticas que surgiram nas escolas que o projeto trabalhou, percebemos a necessidade da formação de professores para trabalhar a temática de história e cultura afro-brasileira nas escolas. A mestra Edicélia também tinha um sonho de formar os professores do litoral com a temática.

A organização do curso envolveu alunos e servidores da UFPR Litoral, NEABi+ Litoral (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros), COMPIR (Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial) e a SEPOL Seção de Políticas Afirmativas, Assuntos Estudantis e Comunitários). O objetivo do curso era propiciar uma formação continuada de docentes da rede de ensino na área de educação para as relações étnicos raciais, propondo análises e metodologias acerca da cultura afro-brasileira. Os encontros aconteceram no começo do mês de julho de 2018 até novembro, no auditório Juliano Fumaneri Weiss, todos os sábados das 09h00min até as 17h00min com intervalo de coffee break pela manhã, almoço e um coffee break a tarde.

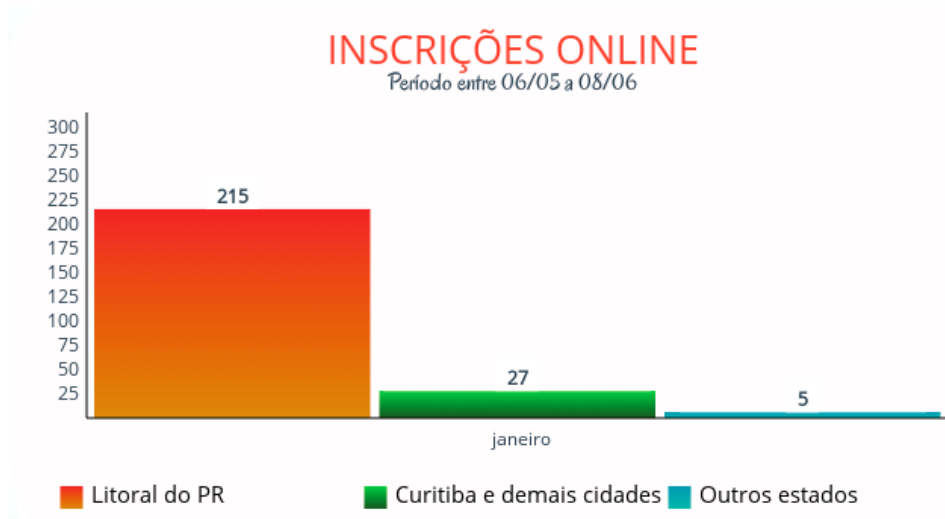
Particpei da logística e execução do curso com outros alunos. O período de divulgação foi curto em um mês enviamos ofícios para as secretarias de educação de Paranaguá, Pontal, Guaratuba, Morretes e Antonina. Expusemos os banners e flyers em todo o setor, nos comércios da cidade e divulgamos de sala em sala nos cursos da universidade. Na organização do EREER, aprendi como se trabalha em equipe, que cada um tem uma determinada tarefa, mas que todos devem estar prontos pra ajudar no que fosse necessário.

Convidamos palestrantes com formação na área e que tivessem domínio sobre história e cultura afro-brasileira. O curso foi embasado pela lei 10.639/03, pela pesquisa e demanda. A primeira porque a lei nos dá suporte para trabalhar a temática nas escolas e instituições de ensino, e visa a formação dos professores. A segunda porque foi pesquisando nas escolas que nos deparamos com a demanda dos professores em formação sobre história e cultura afro-brasileira.

O curso ofereceu uma carga horária de 120h de extensão e foram 250 inscritos através de um formulário online. O que mais me surpreendeu é que a divulgação foi feita em um prazo curto de tempo, mas a necessidade de formação era latente entre os docentes da rede pública. Tivemos inscritos de Paranaguá, Morretes, Antonina, Matinhos, Pontal do Sul, Guaratuba, Campina Grande do Sul e Curitiba.

Na abertura contamos com 79 presentes dos inscritos, mas mesmo assim ficamos satisfeitos, pois é um curso em Matinhos, dentro da Universidade Federal do Litoral, que acontecia todos os sábados o dia todo. Portanto, muitos que se inscreveram de outras cidades não conseguiram condução ou tempo disponível para participar.

GRAFICO 2 – LEVANTAMENTO DAS INSCRIÇÕES DO I ERER



FONTE: CURSO ERER (2018).

O curso tinha uma metodologia a ser seguida com teoria, prática e conclusão. As teorias ficavam para os palestrantes que vieram trazer suas pesquisas sobre a temática. Tivemos a graduanda de história da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) Talita Fernandes, ensinando sobre gênero e feminismo negro: trajetórias e narrativas silenciadas, suas falas foram de uma segurança e amor pelo que diz que me motivou a estudar cada vez mais sobre a temática. Ela abriu o microfone para mulheres negras no auditório falarem sobre o que é ser negra no Brasil e suas vivências. Talita se embasou em Judith Butler uma filósofa que trabalha a teoria *queer* e questões do feminismo.

Vale ressaltar que me senti representada no curso, porque todas palestrantes eram mulheres pesquisadoras e engajadas na luta, o único palestrante homem foi Valdo Mello que falou sobre a educação dos jovens negros no país. Também levamos o graduando de Gestão Ambiental da UFPR Litoral, Sidiney Vikou, que veio de Benim, país da região ocidental da África. Sidiney contou sobre as características do país, demografia, comidas e culturas.

As palestras contaram com pesquisas sobre a saúde da mulher negra, projetos relacionados a população negra, ações afirmativas, racismo e suas nuances e metáfora étnica e tivemos uma breve participação dos quilombolas da comunidade de Batuva, profº Ilton Gonçalves e Antônio Gonçalves irmãos quilombolas que fizeram um convite para o curso organizar uma saída de campo para a comunidade. O curso não ficou somente na teoria, tivemos oficinas que fizeram um papel importante para os cursistas trabalharem de forma lúdica na sala de aula. As oficinas de fanzini, pinturas, confecção de máscaras africana, bonecas Abayomi e de turbantes. Cada oficina era ministrada por um palestrante que antes ensinava sobre a história de cada oficina, como a de máscaras africana, que explicava a história do surgimento e a importância dessa atividade para os povos africanos.

A saída de campo com os cursistas para a comunidade foi uma experiência de trabalho e cuidado com a comunidade. Antes da viagem algumas orientações foram dadas, como as vestimentas que os cursistas iriam usar. Na comunidade os quilombolas são tímidos e vestem calças longas e camisas de manga longa e as mulheres saias até os pés e blusas fechadas. Também pedimos para que as perguntas que fossem feitas para o líder fossem todas formuladas com antecedência, assim chegaríamos preparados. O encontro foi como esperado e os cursistas vivenciaram o cotidiano da roça e nos reunimos na sede para um diálogo.

No final do curso montamos uma sacola didática para ser entregue aos cursistas que permaneceram até o final. A sacola didática foi elaborada por uma costureira que entrou de parceira com o curso e costurou 100 sacolas didáticas na máquina. A logo do curso foi impressa em Curitiba. Na elaboração da sacola, eu e a profª. Ana Josefina Ferrari com a bolsista do projeto mutirão das memórias Lívia Stramare fizemos um caderno do ERER, feito à mão, com retalhos de turbantes. O caderno incluía todos os textos apresentados pelos palestrantes, os fanzins, máscaras, bonecas Abayomi e dois pedaços grandes de tecidos coloridos para

turbantes. Cada participante recebeu sua sacola didática no encerramento do I curso ERER.

FIGURA 12 – SACOLA DIDÁTICA



FONTE: CURSO ERER (2018).

Estar na organização de um curso de extensão me proporcionou uma troca de saberes e a socialização com a comunidade de fora da universidade. Obtive na realização do curso ERER um conhecimento que vai além das leituras de livros e leis. Vivenciei na prática metodologias de ensino que forneceram conhecimento para quem anseia por mudanças na educação.

O curso permitiu contemplar a minha formação profissional no ensino e aplicação e guiou meus passos para o caminho da educação e suas propostas metodológicas de ensino. Como dizia um provérbio africano “*O saber é como um jardim: se não for cultivado, não pode ser colhido*”. É a partir das experiências que o curso ERER me proporcionou que colherei os frutos do aprendizado lá na frente.

Para minha formação pessoal levo do curso o comprometimento pelo outro e a empatia. Foi um curso extenso, que exigiu responsabilidade nas tarefas e ser prestativa em todas as áreas do curso. O que me mostrou que quando a relação do grupo flui bem o trabalho se mostra prazeroso, e não foi diferente com o curso. Tive o imenso prazer de trabalhar com mulheres incríveis tanto em suas formações profissionais como pessoais. O amor e cuidado com o conhecimento foi peça chave para o curso ser satisfatório.

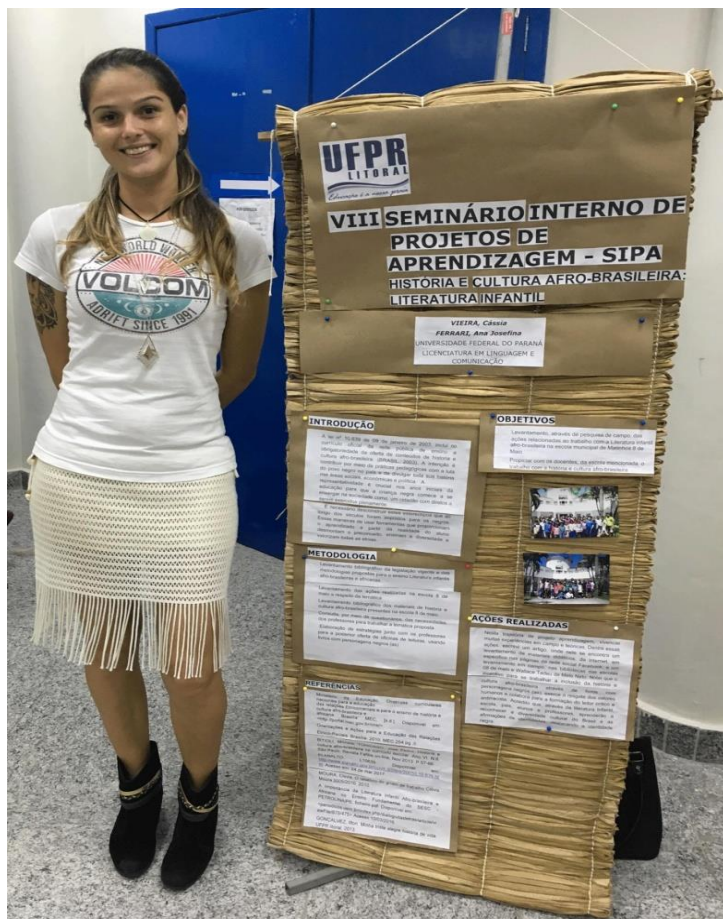
No decorrer da minha caminhada acadêmica desenvolvi dois artigos científicos sobre história e cultura afro-brasileira. Como já havia dito em páginas anteriores, meu primeiro PA (Projeto de Aprendizagem) foi sobre um tema que não me inspirou a seguir em frente. Foi com os trabalhos que o Projeto Mutirão da Memória realizava na comunidade quilombola de Batuva e no município de Matinhos, que minha vontade de pesquisar a temática que começaram a surgir. Os levantamentos bibliográficos na Escola 08 de Maio me trouxeram inquietações que discutia com a coordenadora do projeto nas nossas reuniões, e foi a partir desse levantamento que comecei a pesquisar a temática na internet.

A primeira apresentação da minha pesquisa aconteceu no SIPA (Semana de Integração de Processo de Aprendizagem) um evento que reuniu os PAs dos alunos do curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação. Apresentei meu trabalho sobre literatura infantil, mostrando os levantamentos que eu tinha feito de livros que tivessem representações dos negros e que incluía a temática na internet e na escola municipal 08 de Maio. Organizei um banner, mas como não especificava nas normas o material do banner, decidi usar a esteira de paina, um artesanato que a comunidade faz durante décadas, que era usado por seus antepassados para dormirem. Fiz o layout de banner e levei aos meus colegas e professores a cultura dos quilombolas da região.

A pesquisa foi me desafiando aos poucos, não queria mais parar de trabalhar, o anseio de investigar tomou conta de mim. Intercalando os conhecimentos que meus professores dos FTPs me proporcionavam no curso junto com minhas vivências no projeto fui afunilando minha pesquisa. O módulo de Pesquisa em Linguagem e Comunicação, da prof^a. Andrea Knabem, nos alertou que não era viável trabalhar com um tema amplo, porque não daríamos conta. A professora pediu para recortar o meu tema, e como já havia feito um levantamento bibliográfico de livros, sites e Blogs com a temática, recortei para trabalhar somente com a referência da menina negra em dois livros. Analisei o livro infantil “Menina Bonita do Laço de Fita” e comparei no final com um livro da escritora ativista do movimento negro Kiusam de Oliveira, com o livro “O mundo no Black Power de Tayó”. O objeto de análise partiu de um módulo que a prof^a. Ana Josefina Ferrari nos ofertou no curso. Tivemos leituras de textos de teóricos como Eni Orlandi, Michel Pêcheux, Roman Jakobson e Benvenutti, entre outros. Para realizar as análises me embasei na teoria da Análise do Discurso, uma linha teórica com textos difíceis de interpretar, mas que me desafiaram a ir cada vez

mais de encontro com as minhas respostas para o objeto de estudo. Os artigos não foram publicados em nenhum evento que participei, mas deixarei eles na seção em anexos desse memorial.

FIGURA 13 – APRESENTAÇÃO NO SIPA



FONTE: Cássia Vieira (2016).

Figura 14 - APRESENTAÇÃO DE PÔSTER NA UNICAMP



Fonte: Cássia Vieira (2017).

5.1 APRESENTAÇÃO DE ARTIGO EM EVENTOS

01/06/2017 - 02/06/2017 apresentação de pôster na Jornada Mulheres em Discurso, realizada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

24/10/2017 - 26/10/2017 apresentação na categoria oral, durante o evento de extensão "IX Ciclo e II Congresso Internacional de Estudos em Linguagem - Linguagem, Identidade e Subjetividade: Vertigem das Ciências Humanas", em uma promoção da Universidade Estadual de Ponta Grossa através do(a) Departamento de Estudos da Linguagem.

6 PARADIDÁTICOS

Os paradidáticos elaborados são de história e cultura afro-brasileira sobre a comunidade quilombola de Batuva PR. A elaboração foi proposta pela minha orientadora de TCC Ana Josefina Ferrari, em outubro de 2018. Um material paradidático tem um aspecto mais lúdico e que tem um maior aprofundamento conceitual comparado ao material didático. Quando me deparei com esse desafio busquei o livro “Como produzir materiais para o ensino de línguas”, de Vilson Leffa. Esse livro ensina por etapas a elaboração de materiais, LEFFA (2007, p. 16) afirma que “[...](1) análise, (2) desenvolvimento, (3) implementação e (4) avaliação. Idealmente essas quatro etapas devem formar um ciclo recursivo[...]”. Parti desses momentos de produção que o autor aponta. O tempo para a elaboração do material foi curto, porque ele iria ser publicado pela imprensa da UFPR no mês seguinte. Agarramos a oportunidade e comecei a ir frequentar a casa da Ana Josefina todos os dias para trabalhar. Li textos sobre a educação quilombola e educação do campo para embasar os paradidáticos. A imprensa nos mandou um modelo que deveríamos seguir, com isso, debruçamos somente no conteúdo a ser posto no material. Os paradidáticos elaborados oferecem para o professor um instrumento que vai de encontro com as Diretrizes da Educação do Campo, as Diretrizes para as Relações Étnicas Raciais e a Lei 10.639/03 que dá base para o ensino de história e cultura afro-brasileira. O professor encontra, nesse material, textos base com uma leitura acessível. Os transcritos de membros da comunidade quilombola de Batuva oferecem um saber autêntico sobre os modos de viver e de formação dos quilombolas. Nas recomendações para o professor foram colocados sites, filmes, documentários e livros para o professor ler e se aproximar com empatia e seriedade para a temática. As atividades propostas também foram elaboradas para trabalhar com os alunos a interação entre aluno/professor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O memorial acadêmico me proporcionou uma reflexão sobre o meu processo construtor de pesquisadora e futura educadora. O Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná ofereceu para minha conclusão de curso uma maneira que eu pudesse comunicar meus processos de aprendizagem. O memorial é um modo de retomar em minhas memórias os conhecimentos que ficaram marcados na minha caminhada acadêmica.

Nesse processo de reflexão sobre mim mesma percebi como o setor litoral esteve diretamente ligado com os conhecimentos que adquiri, foi o centro de toda minha formação acadêmica. Tive a oportunidade de mobilizar um conjunto de saberes com estudantes do curso de Linguagem e Comunicação, com os professores do Setor Litoral e a comunidade local.

Para conseguir desenvolver o memorial escrito em 1º pessoa, tive que fazer exercícios de escrita iguais como escrever um diário pessoal, com os acontecimentos do dia-dia e as reflexões. A diferença é que a escrita teve que ser pensada para outros leitores e não somente para mim. Também fiz processos de idas e vindas, pois quanto mais eu escrevia mais a minha memória ia retomando outros aprendizados.

Por fim ressalto a importância que a elaboração desse material me proporcionou, pois relembrei aprendizagens passadas e pude refletir melhor sobre elas. Esse memorial retoma vivências, que passaram durante quatro anos no curso

8 REFERÊNCIAS

PARANÁ, Universidade Federal do, Projeto político pedagógico: setor litoral. 2008. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MEMÓRIA, Projeto Licenciar Mutirão Da. **Mutirão das Memórias**: Blog. 2017. Disponível em: <<http://mutiraodasmemorias.blogspot.com/>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

LEFFA, Vilson José. Produção de materiais de ensino:: teoria e prática. 2. ed. Pelotas: Educat, 2007. (Professores). Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/prod_mat.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

9 ANEXO 1 - ANEXO 1 – ARTIGO HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO FEITO NA INTERNET E NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS - PR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CÁSSIA DE OLIVEIRA VIEIRA

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA:
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO FEITO NA INTERNET E NA REDE PÚBLICA
DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS - PR.

MATINHOS

2016

CÁSSIA DE OLIVEIRA VIEIRA

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA:
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO FEITO NA INTERNET E NA REDE PÚBLICA
DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS - PR.

MATINHOS

2016

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA:
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO FEITO NA INTERNET E NA REDE PÚBLICA
DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS - PR.

Cássia de Oliveira Vieira

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, levar para os professores da educação básica um suporte para o ensino de história e cultura afro-brasileira. Esse suporte é um levantamento de materiais didáticos sobre a temática, feitos através da rede social Facebook, sites e em Blogs pedagógicos. Também incluímos nele, os livros didáticos e outros materiais que chegam às bibliotecas de duas escolas do município de Matinhos. Os diálogos das professoras da Escola 08 de maio sobre a implementação da lei 10.639/03 e suas problemáticas fecham o trabalho. Esses dizeres apontam uma necessidade aplicar a lei 10.639/03 na formação de professores para poder oferecer um ensino de qualidade sobre a temática. Os dialogo entre em consonância com os materiais encontrados na internet e nas bibliotecas escolares. Acredito que, Através da literatura Infantil, escola, pais, alunos e professores, aprenderam a reconhecer a diversidade cultural do Brasil e as afirmações de identidades, destacando a identidade negra.

Palavras-chave: história e cultura afro-brasileira. Levantamento bibliográfico. Literatura infantil afro-brasileira. Internet.

INTRODUÇÃO

No ano 2003, foi promulgada a lei 10.639/03 que normatiza os conteúdos, nos currículos, de História e Cultura Afro-brasileira. Ela propõe que sejam inseridos tais conteúdos gradativamente. A previsão inicial de introdução destes conteúdos era de aproximadamente 10 anos. Porém, a realidade foi outra. Ainda hoje, após 13 anos de promulgada a Lei, encontramos nas escolas que observamos, dificuldades com os materiais que devem ser utilizados na aula de História, mas, principalmente, em todo o currículo escolar desde as séries iniciais.

Para investigar está problemática da inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do Brasil, vamos relatar um levantamento de materiais didáticos de História e Cultura Afro-brasileira circulantes na internet e em duas escolas da localidade de Matinhos – Litoral do Paraná. Por um lado, o material virtual que foi levantado é o que circula nas redes sociais como Facebook em páginas

comprometidas com a causa Afro-Brasileira, como por exemplo, IdentidÀfrica, dentre outras.

Por outro lado, as escolas nas quais foram efetuados os levantamentos são: Escola municipal 08 de maio e escola municipal Wallace Tadeu de Mello e Silva ambas de ensino fundamental. O motivo da escolha deste levantamento virtual é saber quais e onde estão os materiais pedagógicos relacionados à temática, sua quantidade e disponibilidade neste ambiente. A razão da visita às escolas é saber que materiais chegam nelas e ficam à disposição dos docentes. Deste modo, os dados levantados nos dois espaços serão analisados, tanto qualitativos, quanto quantitativamente. Pretendemos mostrar que existe uma rica amostra de materiais voltados para a temática. Apontaremos livros de editoras independentes que são voltados para a representatividade e história e cultura dos povos negros que vieram para o Brasil, materiais pedagógicos do MEC que são disponibilizados para escolas. Porém, iremos verificar em que medidas são conhecidos.

Este levantamento foi feito para dar apoio a uma pesquisa que visa analisar nas escolas municipais e estaduais de Matinhos PR, se a implementação da lei 10.639/03 entrou em vigor. Com este levantamento poderemos responder algumas perguntas que nos inquietam. Existem livros e materiais didáticos voltados para trabalhar a história e cultura afro-brasileira em sala de aula? E se existem quais livros estão chegando nessas escolas?

O intuito é principalmente de levar até os professores um estímulo na elaboração dos planos de aulas, a fim de pesquisar conteúdos não somente nas matérias de História, mas também em todos os conteúdos que possam incluir o ensino de História e Cultura afro-brasileira.

Porque decidir escolher estes sites e não os outros? Como fizemos um levantamento com base nas páginas da rede social Facebook, procurou escolher aquelas com mais conteúdos significativos para o fortalecimento da história e cultura afro-brasileira, principalmente os pedagógicos, que incluíam materiais didáticos que pudessem ser trabalhados em todos os conteúdos da educação básica. As páginas com o maior número de seguidores e maior repercussão na internet, foram as escolhidas. A partir dessas analisamos quais materiais seriam escolhidos para o levantamento.

LEVANTAMENTO VIRTUAL

A investigação pelos sites, blogs e em específico na rede social Facebook, partiu da necessidade de buscar compreender mais sobre as leis que regem as questões da temática afro-brasileira. Buscamos acervos que contribuíssem para o ensino de história e cultura afro-brasileira. Na rede social Facebook deparamos com páginas voltadas para a representatividade negra no Brasil, como: Geledés, DNA – África Diásporas das Nações africanas, Por dentro da África, IdentidÁfrica, A Cor da Cultura, entre outras que veremos a seguir.

Nesses espaços a um vasto acervo de livros que são publicados por editoras independentes, além de materiais disponibilizados pelo governo, dentre outras postagens referentes à temática. Portanto, vou primeiramente numerar abaixo as páginas da rede social Facebook e em seguida os sites governamentais e não governamentais.

PÁGINAS DA REDE SOCIAL FACEBOOK

Leis 10.639/03 e 11.645/08 - Material de apoio ao educador: Nesta página tem um álbum somente relacionado com Literatura Infantil Afro-brasileira, para os professores e demais que se interessam trabalhar com a temática.

Geledés Instituto da Mulher Negra: Segundo afirmado na página, o Geledés vem, nestes 21 anos, consolidando as discussões sobre a problemática da mulher negra como aspecto fundamental da temática de gênero na sociedade brasileira e impulsionando o debate sobre a necessidade de adoção de políticas públicas inclusivas para a realização do princípio de igualdade de oportunidades para todos.

IdentidÁfrica: Sua biblioteca virtual de literatura afro e afins: Segundo afirmado na página. "IdentidÁfrica surgiu da necessidade do acesso a material de apoio didático literário voltado para o tema africanidade e afins, com downloads gratuitos para professores, alunos e interessados. O site tem como principal link de acesso a página "Nomes Afro e Africanos e Seus Significados", que recebe aproximadamente por volta de 5 mil visitas diárias em busca do material. Também disponibilizamos alternativas variadas para trazer para nosso dia a dia a cultura africana. As obras são disponibilizadas de acordo com a liberação dos envolvidos nas mesmas, ou seja, precisa de um pouco de tempo e paciência para que consigamos

uma obra livre para download, salvo quando a obra já seja lançada para acesso público. Todos os livros e periódicos disponíveis no site possuem permissão para o download gratuito. A biblioteca virtual surge como uma forma de democratizar a informação em todo o mundo e, por isso são grandes aliadas dos professores.

AFREAKA: Segundo afirmando na página. “Por meio da harmonia de textos, ilustrações gráficas e fotos, o desafio é trazer para mais perto os conceitos que permeiam as comunidades tradicionais, os diferentes valores e percepções de espaço, tempo, homem e natureza, o legado deixado pelos gigantescos impérios africanos, os segredos que estão por trás das 2000 mil línguas ali faladas e muitos outros elementos de um continente em movimento que transborda história e cultura. A África é tudo isso e mais um pouco. E nós também somos ela. O nosso Brasil é recheado de tempero africano. Batuque, cachimbo, moleque, marimbondo, maconha, quitute, pipoca, caçula, cafuné, bagunça, bunda, fubá, xingar, rapadura e por aí vai. Ela está em nós muito mais do que podemos imaginar.”

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígena e de Fronteira: Segundo afirmado na página, o Núcleo foi criado em 2011, regimentado em 2018, que atende políticas públicas de ação afirmativas voltadas para ensino, pesquisa e extensão.

Conexão África-Brasil: Segundo afirmando na página, o conexão África-Brasil é um projeto da EA.UFPA, interligados com varias matérias, com objetivo de uma melhor interação e aprendizado do povo africano.

Por dentro da África: Segundo afirmado na página, é um site com pesquisas, teses e coberturas jornalísticas sobre diversos aspectos do continente africano. Trabalho desenvolvido de forma voluntária coordenada pela jornalista Natalia da Luz com o apoio de mais de 20 colaboradores (principalmente africanos).

Associação Cultural Comunidade do Tambor: Segundo afirmado na página. “A associação não tem fins lucrativos, fomenta atividades sócio cultural a fim de defender, divulgar e preservar os costumes, tradições da cultura brasileira.”

SITES GOVERNAMENTAIS

www.geledés.org.br. Movimento de mulheres negras que teve início em 30 de abril de 1988. Trata da temática afro-brasileira e africana na questão racial, questão de gênero, educação, políticas públicas e saúde.

<http://www.acordacultura.org.br/> Segundo afirmado no site: “A Cor da Cultura é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria

entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a TV Globo e a Seppir - Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial. O projeto teve seu início em 2004 e, desde então, tem realizado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo”.

<http://www.palmares.gov.br/?p=10963> Segundo o site é uma instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira.

<http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/> -

<http://etnicoracial.mec.gov.br/acoes-e-programas> Site que dissemina conteúdos e informações sobre relações étnico raciais.

<http://www.afrobras.org.br/> Segundo o site tem como missão construir oportunidades e implantar ações e políticas públicas e privadas para inclusão, valorização, participação, empoderamento e protagonismo do negro brasileiro.

<http://www.ceert.org.br/> Segundo o site, foi criado em 1990 o centro de estudos das relações de trabalho e desigualdades – CEERT é uma organização não governamental que produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para a promoção da igualdade de raça e de gênero.

<http://ipeafro.org.br/> Segundo o site, o instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, no Rio de Janeiro, atua na recuperação da história e dos valores culturais negros, no sentido de assegurar o respeito à identidade, integridade e dignidade étnica humana da população afro-brasileira. Trabalha com fóruns, cursos, pesquisas, exposições, publicações, memória e patrimônio.

<http://www.educafro.org.br/> Segundo o site afirma, tem como finalidade possibilitar empoderamento e mobilidade social para população pobre e afro-brasileira.

SITES NÃO GOVERNAMENTAIS

<http://rmirandas.wix.com/identidafrica>. Indica apoio didático literário para fazer download e planos de aulas.

<http://www.quilombhoje.com.br/> Instituição sem fins lucrativos, tem também o objetivo de fomentar pesquisas e diagnósticos sobre cultura afro.

<http://www.portalafro.com.br/> Promove a valorização da cultura afro-brasileira, trazendo projetos na área educacional, esportiva e empresarial.

<http://www.pordentrodaafrica.com/> Segundo afirmado no site. “É um site destinado ao continente africano com notícias, pesquisas, teses e coberturas exclusivas desenvolvida pela jornalista Natalia da Luz.”

<http://www.historiaeimagem.com.br/> Segundo o site os fundadores procuram fazer com que o ensino de história contribua para o desenvolvimento de uma visão crítica da realidade em que vivemos.

<http://jaridarraes.com/cordel/> Segundo afirmado no site é da escritora, cordelista, poeta e autora dos livros **“Um buraco com meu nome”**, **“As Lendas de Dandara”** e **“Heroínas Negras Brasileiras”**. Curadora do selo literário **Ferina**, atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou o **Clube da Escrita Para Mulheres**. Até o momento, tem mais de 60 títulos publicados em Literatura de Cordel.

<https://www.negroelindo.com.br/> Segundo afirmado no site o Projeto Negro é Lindo tem por objetivo trabalhar com a autoestima do negro, de forma a ressaltar seus mais altos valores, procurar trazer, no primeiro momento, o gosto e o amor pela beleza negra em toda sua amplitude, envolvendo sua cultura, estética, espiritualidade, diferentes formas de se mostrar para o mundo e ser visto pelo mundo. Sempre de forma positiva!

Destes sites foram analisados materiais didáticos que pudessem ser úteis para o ensino de história e cultura afro brasileira, alguns desses estão enumerados pela ficha catalográfica, outros somente o título e autor. Esses livros são fundamentais para o professor trabalhar em sala de aula, para assim, os alunos terem uma aprendizagem verdadeira sobre a escravidão dos negros, a cultura e toda sua história, dentre eles são:

LIVROS RELACIONADOS AO GOVERNO

Estórias Quilombolas, coleção caminho das pedras, Vol. II, III. Brasília 2010. Secretária de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação.

Brasil. Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura Afro-brasileira na educação infantil, Livro do professor/** Ministério da Educação. MEC/SECADI, UFSCar, 2014. 144 p.; il.

O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. O uso do lúdico no ensino da história e cultura Afro-Brasileira. Governo do Paraná, Secretária de Educação. 2010.

Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais/ Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012.

Barbosa, Paulo Correa. **Minas do Quilombos, texto para reflexão com a/o professor/a/** Paulo Correa Barbosa, Schuma Schumacher, Caces. Brasília: MEC/SECAD, 2010.

Princesas Africanas. Revista de (in)formação para agentes de leitura. Ano 9. Fascículo 19.

Yoté: o jogo da nossa história: o livro do professor. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, alfabetização e Diversidade, 2010. 122 p, il.

Yoté: o jogo da nossa história: o livro do aluno. Brasília: ministério da Educação, Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010. 76.p; il.

Suplemento didático da linha do tempo dos povos africanos: Elisa Larkin Nascimento: concepção e textos. IPEAFRO – SECAD/MEC – UNESCO

Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il.

Carreira, Denise **Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola/** Denise Carreira, Ana Lúcia Silva Souza. - - São Paulo: Ação Educativa, 2013. 112p.: il.

LIVROS INDEPENDENTES

Os livros são diversos, se aprofundarmos a pesquisa na internet será encontrado muitos livros que trabalham a temática. Porém deixo uma lista dos livros encontrados com a pesquisa.

Apostila de jogos infantis Africanos e Afro-brasileiros. II semana da consciência negra UFPA/CUNTINS. 2010.

Costa, Madu. **Meninas Negras.** Maza edições.

Freeman, Mylo. **Princesa Arabela mimada que só ela!** Editora Ática.

A botija de Ouro:

Os reizinhos do congo:

As tranças de Bintou:

O cabelo de Lelê:

Alfabeto Quilombola:

Menina bonita do laço de fita:

Bruna e a galinha de angola:

A Bailarina Gorda

A Boneca Preta de Juju

Os Cachinhos Encantados da Princesa

A Lição que Sarinha deu em Zébedeu

As Mamães de Karina

A Menina Que Não Queria Ser Princesa

As Princesas Africanas

A Rainha de Turbante

A Tribo das Guerreiras

O Turbante Encantado

BLOGS

Ao investigar os sites, nos deparamos com alguns blogs voltados para a representatividade negra. Estes indicam e disponibilizam downloads de livros para apoiar o professor em sala de aula. Os blogs são mantidos geralmente por professores e militantes que buscam levar a inclusão da história e cultura afro-brasileira para as escolas. Os blogs que enumerei são todos voltados para a educação, com materiais didáticos e planos de aula elaborados. Seguem alguns abaixo:

<http://cidinhadasilva.blogspot.com.br/>

<http://afrodescendentes1.blogspot.com.br/p/acoes-afirmativas.html>

<http://momentosricosdaeducacao.blogspot.com.br/>

<http://blogueirasnegras.org/>

<http://malaikaafro.blogspot.com.br/>

<https://negrasemmovimento.blogspot.com/>

<http://afroempreendedorismo.blogspot.com/>

LEVANTAMENTO NAS BIBLIOTECAS

Na Escola municipal 08 de Maio, foram encontrados 23 números de livros. Desse total, um grupo de 11 livros relacionados ao Governo e outro grupo de 12 livros de Editoras independentes. A Editora FTD contém 02 títulos, Editora Paulinas com 03, sendo as editoras independentes com maior número de livros na biblioteca.

A temática dos volumes do MEC é voltada para a aplicação da lei 10.639/03, são livros de literatura infantil de contos africanos. Há também materiais didáticos para trabalhar em sala de aula, os conteúdos de Português, história, geografia, Educação física e artes.

Das Editoras Independentes os livros são todos de literatura afro-brasileira e africana, geralmente livros de contos. Esses títulos podem ser transformados em planos de aulas nos conteúdos de literatura, história, geografia e artes.

Na Escola Wallace Tadeu de Mello e Silva foi encontrado 04 números de livros relacionados ao MEC, que abordassem a temática de história e cultura afro-brasileira. Os livrinhos de literatura infantil não foram analisados no espaço, mas existem alguns. A organização dos livros me trouxe algumas dificuldades. Não tive acesso ao caderno de catalogação. Portanto, contando com o pouco de tempo que tinha para permanecer no local e a falta de acolhimento para obter mais visitas, não tive condições de fazer um levantamento completo. Porém, pretendo dialogar com a escola futuramente para um possível trabalho com a gestão.

QUADRO 1 – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO NA ESCOLA MUNICIPAL 08 DE MAIO

MATERIAIS DIDÁTICOS E LIVROS RELACIONADOS AO GOVERNO MEC/PNLD/FNDE	MATERIAIS DIDÁTICOS E LIVROS RELACIONADOS EDITORAS INDEPENDENTES
Curitiba: Bolsa nacional do Livro, 2012 – coleção Nossa Terra, está obra atende a lei 10.639/2003. Alexandre, Vanessa – Maraí, a vitória régia – literatura infanto-juvenil. Observações: Livro que tem representatividade para a mulher negra.	Editora Tribos – Crianças de todo o mundo.
Curitiba: Bolsa Nacional do livro, 2012 – coleção Nossa Terra – Dicionário afro- Indígena – (palavras de origem africana e palavras de origem Tupi). Observações: Uma ferramenta para trabalhar os conteúdos de Português e História.	Editora FTD – Marcelo, Aroldo, 1949 – Luana: A menina que viu o Brasil neném - Brasil – História – Literatura infanto-juvenil.
Curitiba: Bolsa Nacional do livro, 2012 – Coleção Nossa terra – Omo o Rio da Liberdade. Observações: Uma ferramenta para se trabalhar nos conteúdos de história, geografia e sugestões que o livro oferece para atividades que envolvem os conteúdos de artes.	Editora Paulinas – Agustini, Prisca – O colecionador de pedras – 2014 – coleção árvore falante- literatura infantil.
Curitiba: Bolsa Nacional do livro, 2012 – Coleção Nossa Terra – Anhangá, o protetor das matas.	Editora Autêntica – Franco, Olivia de Melo – Menino parafuso – 2010 – literatura infantil.
Curitiba: Bolsa nacional do livro, 2012 – Coleção Nossa Terra – Lembranças do Baobá.	Editora Girassol – Minha primeira Consulta no Dentista.

Ministério da educação – PNDE/ PNBE 2012 – Globo Livros - 1º ao 5º ano do ensino fundamental – A turma do PERERÊ – 365 dias na Mata do Fundão.	Editora Peirópolis – Jadezweni, Mhlobo – Grande Assim – 1º edição 2010 – literatura infanto-juvenil.
	Editora Paulinas – Lima, Heloisa Pires – O comedor de nuvens.
	Editora Moderna – Braz, Júlio Emilio – Felicidade não tem cor – 2º edição 2002. Coleção girassol.
	Editora Paulinas – Barbosa, Rogério Andrade – Três contos africanos de adivinhação – 2009 – coleção árvore falante.
	Editora FTD – Luana e as asas da liberdade – 1º edição 2010 – Coleção aventuras de Luana.
	Editora Rio de Janeiro: Pallas – Rosa, Sonia – O menino Nito -: Então homem chora ou não?
	Editora Giracor – Nascimento, Marcia M do – Felipe em busca de amizades – 2010 – Coleção amigos especiais.
COLEÇÕES PEDAGÓGICAS	
<p>Ministério da Cultura e Volvo apresentam – kit com 05 livros do ensino da capoeira – Freitas, Jorge Luís de, 6º edição 2013 – Abadá-Capoeira:</p> <p>1º Capoeira Infantil e Pedagógica, jogos e brincadeiras. (Está faltando)</p> <p>2º Capoeira infantil e Pedagógica, para crianças de 2 a 06 anos.</p> <p>3º Capoeira Infantil e Pedagógica, a arte de brincar com o próprio corpo.</p> <p>4º Capoeira Infantil e Pedagógica, Capoeira na Educação Física. 5º Capoeira Infantil e pedagógica: Vamos colorir.</p>	
<p>MEC-FNDE/PNLD – 2016/2017/2018- B928 Bueno, Wilma de Lara. Pequenos Exploradores: livro regional: Paraná: geografia, história, arte e cultura: 4º e 5º ano / Wilma de Lara Bueno, Berenice Bley Ribeiro Bonfim, Pedro Machado de Almeida. – Curitiba: Positivo, 2014. Coleção pequenos exploradores.</p>	
<p>MEC – FDNE/PNLD- 2016/2017/2018 – Simielli, Maria Elena. Projeto Apis: História, 2º ao 5º ano / Maria Elena Simielli, Anna Maria Charlier. 1 ed. <u>São Paulo</u>. Ática. 2014.</p> <p>Observações: (capítulo 1 pg. 42 (unidade 2) Povos da terra e da África. O Brasil Africano: analisar rotas de escravos – sec. XVII a XIX.</p>	
<p>MEC-FNDE/PNLD- 2013/2014/2015. Tuma, Magda Madalena. Viver é Descobrir – História do Paraná 4º a 5º ano. Volume único/ 1 ed. São Paulo FTD, 2011.</p>	

<p>Observações: Capítulo 06: Trabalho transformado em exploração: Escravidão, mapa dos indígenas sendo explorados pelos portugueses. Perguntas a respeito do assunto. O trabalho escravo atual. Africanos Escravizados</p>
<p>MEC- FNDE/ PNLD/ 2013/2014/2015- Gomes, Marquiana de Freitas Vilas Boas. Geografia do Paraná: Imagens & Paisagens. Volume único: 4º / 5º ano. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2011.</p> <p>Observações: Povos africanos no Paraná. Uma breve história dos africanos vindos ao Paraná, fotos: capoeira, instrumentos, dança e música afro Kundun Balê, uma companhia do município de Guarapuava. A contribuição nas danças, Lendo mapas de comunidades quilombolas, Afrodescendentes e comunidades quilombolas do Paraná. Tabela de comunidades certificadas no Paraná, localização e numero por municípios. Fotos do grupo Clovis Moura, e outras fotos de comunidades. Reflexões com perguntas a respeito.</p>

FONTE: Cássia Vieira (2016).

QUADRO 2 – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO NA ESCOLA MUNICIPAL WALLACE TADEU DE MELLO

MATERIAIS DIDÁTICOS E LIVROS RELACIONADOS AO GOVERNO MEC/PNLD/FNDE
<p>Livro Regional do Paraná – Geografia, História, artes e cultura. Volume único 4º e 5º ano. Pequenos Exploradores. Ensino Fundamental anos iniciais. Editora Positivo – PNLD 2016/2017/2018 MEC</p> <p>O livro na parte de geografia tem alguns mapas de comunidades Quilombolas do Paraná. Explicações do que é Quilombo. Tem fotos de documentos de vendas de escravos em uma parte didática “ESTUDANDO DOCUMENTOS”</p>
<p>Editora Ática. Povos da Terra e da África – o Brasil africano – a resistência. História 4º ano. PNLD 2016/2017/2018</p> <p>No livro tem fotos de placas de “aluga escrava” para estudar a história africana. Sugestões de livros para saber mais da História do Brasil</p>
Editora FTD - Nova edição Porta Aberta – Geografia 3º ano PNLD 2013/2014/2015
Editora IBEP – Coleção tempo de aprender – Português

FONTE: Cássia de Oliveira Vieira

DIÁLOGOS ENTRE PROFESSORAS DA ESCOLA MUNICIPAL 08 DE MAIO

Nos intervalos entre sala de aula e recreio da escola, pude obter uma breve análise da fala das professoras diante a lei 10.639 e as problemáticas que cercam a implementação. Nos diálogos algumas professoras afirmam que utilizam como base a lei e as orientações para trabalhar em sala de aula, principalmente nos conteúdos de história, entretanto, ainda é um assunto delicado para se tratar em sala pelo fato de alguns alunos serem de religiões evangélicas, e isso, gera impasses entre pais e direção escolar.

A falta de recursos didáticos para trabalhar em sala, também entrou em foco nos diálogos, recursos que elas dizem até ter como livros literários, mas que, não sabem como utilizar. No dizer dos preparos para formar professores aptos no ensino de história e cultura afro-brasileira também a controvérsias entre as professoras, pois, umas dizem que o governo precisa oferecer esses cursos gratuitos para os municípios, e outras, dizem que a cursos, mas que falta motivação entre os professores. Pretendo através deste dialogo continuar essa pesquisa com os

professores dessas escolas, montando um questionário com perguntas discursivas sobre a temática, para levantarmos maiores discussões a respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar que existem materiais didáticos que incluem o ensino de história e cultura afro-brasileira, porém, além de serem poucos, nem todos oferecem conteúdos de fato sobre as culturas de matriz africana. Os dizeres dentro desses livros ou são escritos por homens brancos ou por mulheres brancas, são poucos escritos negros dentro das escolas públicas que foram observados. Isso já dá mais um enfoque para a necessidade de trabalhar a história e cultura afro-brasileira nos materiais pedagógicos e didáticos. No entanto, nota-se a força da literatura africana na internet; uma ferramenta que se tornou essencial para disseminar os trabalhos de diversos escritores negros que abordam a temática. Os blogs educativos onde alguns são coordenados por professores, também trazem atividades e planos de aula para se trabalhar a temática.

Porém, a realidade na sala de aula, não mostra grandes avanços mesmo depois da lei 10.639/03 ser homologada, obrigando a inserção de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Além de terem poucos livros que abordem a

temática, nos conteúdos principais como, língua portuguesa, história, artes, Ed. Física, também não é trabalhado planos de aulas que incluem a temática.

Uma problemática que vale ressaltar, é o dialogo dos professores sobre a capacitação para dar aulas que incluem história e cultura afro-brasileira. As falas são diversas, a falta de cursos par a formação de professores para darem aulas são os principais dizeres. Podemos concluir que não adianta os livros estarem ali na biblioteca da escola se não são usados para o aprendizado. Quando há momentos de leituras em que os alunos podem ir até a biblioteca para escolherem os livros que queiram ler em casa, geralmente os escolhidos não são sobre a temática. Se a gestão escolar e os professores não se disponibilizarem para propor ferramentas de ensino que incluem a temática, a literatura africana continuará ficando nas prateleiras da biblioteca.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. . **LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**. 2003. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

LEIA BRASIL. **ONG de Promoção da Leitura**. 1991. Disponível em: <<https://www.leiabrasil.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

**10 ANEXO 2 -DESCRIÇÃO DA REFERÊNCIA “MENINA NEGRA” NOS LIVROS
INFANTIS: DISTRIBUÍDAS NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MATINHOS-PR
E NA INTERNET.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CÁSSIA DE OLIVEIRA VIEIRA

DESCRIÇÃO DA REFERÊNCIA “MENINA NEGRA” NOS LIVROS INFANTIS:
DISTRIBUÍDAS NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MATINHOS-PR E NA
INTERNET.

MATINHOS

2017

CÁSSIA DE OLIVEIRA VIEIRA

DESCRIÇÃO DA REFERÊNCIA “MENINA NEGRA” NOS LIVROS INFANTIS:
DISTRIBUÍDAS NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MATINHOS-PR E NA
INTERNET.

MATINHOS

2017

DESCRIÇÃO DA REFERÊNCIA “MENINA NEGRA” NOS LIVROS INFANTIS: DISTRIBUÍDAS NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MATINHOS-PR E NA INTERNET.

Cássia de Oliveira Vieira

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar, como a descrição da referência “menina negra” é construída nos livros de literatura infantil. Tomamos como base um levantamento bibliográfico que está sendo realizado, em escolas municipais e estaduais do litoral do Paraná e em sites que trabalham a temática de história e cultura afro-brasileira. Partimos do pressuposto de que há uma diferença na construção da descrição da referência para “menina negra” nos livros infantis produzidos por escritoras brancas e negras, ou seja, que a determinação de raça e de gênero se materializa nestes textos infantis. O nosso desafio é ver os diferentes modos dessa materialização em dois livros de literatura afro-brasileira que estão circulando nas bibliotecas e na internet. Buscamos nos embasar na Análise do Discurso de Eni P. Orlandi (1999). Para assim, através dos procedimentos de produções de sentidos, analisarmos as inquietações que nos trazem a esse corpus.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Literatura Infanto Juvenil afro-brasileira. Levantamento Bibliográfico. História e Cultura Afro-Brasileira.

INTRODUÇÃO

A proposta de trabalho iniciou-se de um projeto de extensão, projeto Licenciamento das Memórias: a história e a cultura afro-brasileira nas escolas do Litoral do Paraná. Este projeto tem por objetivo fomentar a relação dos cursos de licenciaturas da UFPR litoral com as comunidades Quilombolas da região. A prática fundamental é fornecer à educação básica, materiais didáticos que coloquem em prática a lei 10.639/03. Deste modo, é incentivada retomada da história dessas comunidades quilombolas do Litoral e se relacionam elas com as escolas públicas da região.

Este trabalho no curso de Licenciatura em Linguagem e Comunicação, e nas vivências no projeto, me trouxe vários questionamentos. Iniciei minha pesquisa procurando livros de literatura infantil com personagens negras, porque, como afirma Cavalleiro (1998) no seu texto “Do silêncio do lar ao silêncio escolar”:

“a relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu-me identificar que, nesta faixa de idade, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertencem. Em contrapartida, crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, como por exemplo, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo à cor da pele caráter negativo.”(CAVALLEIRO, 1998, pg. 11).

A escola é um espaço que oferece meios com que o aluno possa aprender sobre sua identidade, seu pertencimento ou como se relacionar com o mundo. Os livros de uma biblioteca escolar são um desses meios que oportunizam esses conhecimentos para o aluno. Com isso, me veio uma pergunta: Existem livros que ofereçam uma base de leitura positiva que represente as meninas negras, que diariamente sofrem discriminação, preconceito e racismo?

Amparada pela lei 10.639/03, que promulga a obrigatoriedade de oferta, nos currículos escolares, elementos da história e cultura afro-brasileira, e, a partir da constatação de que é imprescindível na literatura infantil a temática afro-brasileira, onde se ofereça uma referência importante para o crescimento da identidade das crianças negras no Brasil, busquei por meio de uma pesquisa de campo na biblioteca da escola 08 de Maio, livros infantis que abordem a temática de “meninas negras”. Com base na teoria da Análise de Discurso proposta por Eni Orlandi e da Semântica da enunciação, pretendemos fazer uma breve análise de um dos primeiros livros de literatura infantil com menina negra como personagem principal. : “Menina Bonita de laço de fita”

O objetivo é investigar, como a descrição da referência “menina negra” é construída nos livros de literatura infantil. Tomamos como base o levantamento bibliográfico realizado em uma escola municipal do litoral do Paraná e em sites que trabalham a temática de história e cultura afro-brasileira nas escolas. Partimos do pressuposto de que há uma diferença na construção da referência para “menina negra” nos livros infantis produzidos por escritores homens ou mulheres, negros ou brancos, ou seja, que a determinação de raça e de gênero se materializa nestes textos infantis. O nosso desafio é ver os diferentes modos dessa materialização.

BASES TEÓRICAS

As continuações apresentarão alguns dos elementos teóricos que servem de base para minhas análises. Eles são saber: referência, descrição corpus e condições de produção.

Este aqui apresentado é somente um breve percurso pelo problema da referência. As noções aqui expostas sobre “descrição e referência”, foram retiradas da leitura do livro “A voz do dono” de 2006 de Ana Josefina Ferrari. A autora faz um percurso por autores como Frege, Searle, Ducrot e Guimarães, para mostrar que cada autor tem uma resposta para o problema da referência. Para Frege a referência se dá pela conexão regular entre sentido, referência e signo. A relação se dá de modo direto com o mundo. Para Searle a referência age como cabide do qual pendem as descrições definidas. Já para Ducrot, sempre que há um dizer há uma orientação “necessária” para aquilo que não é o dizer. Assim a referência é esta orientação e o referente se constrói no discurso e não no mundo. Finalmente, para Guimarães o referente se cria no entrecruzamento dos diferentes discursos.

Para trabalhar com a noção de descrição mobilizamos o texto de Ferrari (2008 p. 97) de acordo com o qual a descrição é o lugar ameaçante, o lugar da falha.

“A descrição é um processo no qual se constrói a referência e nesse processo se relaciona a memória por um lado e o intradiscurso pelo outro, essa relação é particular para cada materialidade, é no intradiscurso que os adjetivos são mencionados.”

Já para a noção de Corpus adotamos a proposta de Zoppi (2006) e Pechêux (1983-1984), que afirma :

“há dois momentos relacionados ao corpus: um de descrição e outro de interpretação. A relação que estabelece entre eles é desigual. O primeiro abre espaço para o segundo de maneira que, no trabalho, o corpus resulta de um processo que se dá, simultaneamente, com o processo analítico.”

Finalmente, para as Condições de Produção de acordo com Orlandi (1999), “Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso.”.

A partir destes pressupostos teóricos, pretendemos iniciar uma breve análise do livro áudio visual, “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado. Data da primeira publicação do livro foi em 1986. Um dos primeiros livros infanto juvenil destinados a meninas negras com personagens negras. O material aqui foi buscado no Youtube, do programa da TV cultura, “livros animados da cor da cultura”.

MOVIMENTOS DE ANÁLISE

O início do movimento de análise partiu de um levantamento bibliográfico na biblioteca da escola municipal 08 de maio, Matinhos PR. Buscamos levantar quais os

materiais didáticos que trabalham a temática de história e cultura afro-brasileira nesta escola. Dentre os 37 livros que conseguimos ter acesso, pois os livros não estavam catalogados na biblioteca da escola, foram encontrados 03 livros de literatura infantil brasileira com personagem de meninas negras, elas são:

QUADRO – LEVANTAMENTO BIBLIOGRAFICO DE LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA MUNICIPAL 08 DE MAIO

Luana: A menina que viu o Brasil neném.	Marcelo, Aroldo, 2000	Editora FTD
Luana e as asas da liberdade.	Marcelo, Aroldo, 1ª edição 2010 – coleção aventuras de Luana.	Editora FTD
Felicidade não tem cor.	Júlio Emilio Braz, 2ª edição 2002.	Editora Moderna

FONTE: Cássia Vieira (2017).

Além de ser uma quantidade pouco significativa de literatura infantil afro-brasileira dentro de uma escola municipal, chamamos a atenção de que todos os livros foram escritos por homens. Por outro lado procuramos alguns sites e páginas do Facebook que trabalham a temática de história e cultura afro-brasileira nas escolas, e que seriam de fácil acesso para os docentes, da escola em questão. Dentre esses sites encontramos os seguintes livros:

QUADRO 2 – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Princesas Africanas. Cadernos de leituras compartilhadas	Org. Jason Prado. 2009, Fascículo 19, Leia Brasil.	Editora Ediouro
O sonho de ser Princesa.	Andréa Bastos Tigre - Rossely Peres	
As princesas nos contos de fadas	Sonia Rodrigues	
São outras as nossas princesas	Sueli de Oliveira Rocha	
Que fada é essa?	Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque	
A donzela, o sapo e o filho do chefe	Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque	

Nas malhas das imagens e nas trilhas da resistência: heroínas negras de ontem e de hoje.	Andréa Lisboa de Souza	
Princesa, não. Mas...	Marina Colasanti	
Os três cocos	Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque	
Uma princesa afrodescendente	Sueli de Oliveira Rocha	
Uma princesa em São Tomé e Príncipe	Ana Lúcia Silva Souza	
Princesa descombinada	Janaína Michalski	
Princesas africanas e algumas histórias	Tiely Queen (Atiely Santos)	
Princesa Arabela mimada que só ela.	Mylo Freeman. 1º edição, 2008.	Editora Àtica
As tranças de Bintou.	Sylviane Anna Diouf	Editora Cosac Naify
Menina bonita do laço de fita.	Ana Maria Machado. 1986.	Editora Àtica
A botija de Ouro.	Joel Rufino dos Santos. 1988	Editora Àtica
Bonequinha Preta.	Alaíde Lisboa de Oliveira.	Editora LE
O cabelo de Lelê.	Valéria Belem	Editora IBEP Nacional
Bruna e a Galinha d' Angola.	Gercilga Almeida	Editora Pallas
Os tesouros de Monifa	Sonia Rosa	Editora Pallas
O tabuleira da Baiana	Sonia Rosa	Editora Pallas
A bailarina Gorda	Jarid Arraes	
A boneca Preta de Juju	Jarid Arraes	
Os cachinhos Encantados da Princesa	Jarid Arraes	
A lição que Sarinha deu em Zébedeu	Jarid Arraes	
As mães de Karina	Jarid Arraes	
A menina que não queria ser princesa	Jarid Arraes	
As princesas Africanas	Jarid Arraes	
A rainha de Turbante	Jarid Arraes	

A tribo das Guerreiras	Jarid Arraes	
O turbante Encantado	Jarid Arraes	
Lendas de Dandara	Jarid Arraes	
Omo-Oba	Kiusam de Oliveira	
Meninas Negras	Madu Costa	
Pretinha de Neve e os sete gigantes	Rubem Filho	
Valentina	Marcio Vassallo	
Uma princesa nada boba	Luis Antonio	
Num tronco de iroko vi a Lúna cantar	Erica Balbino	

FONTE: Cássia Vieira (2017).

Os livros do quadro acima foram selecionados primeiramente por serem livros escritos por mulheres com meninas negras como personagens principais. Dentre esses livros, que vão de 1986 até a atualidade, encontramos o de Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita”, como o primeiro texto que circula hoje, com essas características.

Diante desses dados prévios, podemos entender que as quantidades de livros de personagens negros e negras são desiguais. E quando se trata da menina negra, nem sempre são escritos por mulheres negras, geralmente por homens negros e brancos. Podemos entender que as memórias discursivas de cada escritor (a), trazem para cada livro inscrito uma significação diferente para menina negra. Por exemplo: um livro com uma personagem negra escrito por uma mulher negra terá uma posição diferente, do que uma escritora branca ou homem branco ou negro.

Iniciarei uma breve análise do livro áudio visual, “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado. A data da primeira publicação do livro foi 1986. Um dos primeiros livros infanto juvenil destinados a meninas negras com personagens negras. O material aqui foi encontrado no Youtube, do programa da TV cultura, “livros animados da cor da cultura”, livros que são ofertados pelo MEC. Nesse material que se instala no discurso literário do século XX, vamos observar primeiramente nas condições de produção, em qual contexto sócio histórico, se situavam na época da publicação do livro.

O texto foi escrito em 1986, alguns anos depois da ditadura militar. Antes disso, o Brasil vivia um momento frágil e muitos movimentos que lutavam pelas minorias, ficaram fragilizados, enfrentando grandes problemas de perseguições e subjetividade política. Somente depois de 1970 que os movimentos começaram a se manifestar novamente. Em 1978, fundou um regime de fortalecimento político, o movimento negro unificado (MNU). No programa de ações de 1982, o MNU reivindicava a introdução do ensino de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares.

A ditadura militar nos anos 80 começa a se enfraquecer e em 1985 começa a emergir novamente ideias de uma democratização no país. Diante desse contexto sócio histórico do Brasil, a autora Ana Maria Machado em sua biografia, nos trás as suas vivências na ditadura, onde foi presa pela polícia militar e teve que se exilar na Europa. Somente depois do regime militar voltou para o país. No entanto, Ana Maria Machado, em entrevista não cita nenhuma relação com movimentos negros ou que o livro foi escrito para o fortalecimento da identidade negra. Um dos contrapostos é que em uma palestra em 1996, no congresso de associação de literatura em montevidéu, conta qual foi sua inspiração para escrever o livro “Menina Bonita do Laço de Fita”:

Este livro, para mim, é uma história que surgiu a partir de uma brincadeira que eu fazia com minha filha recém-nascida de meu segundo casamento. Seu pai, de ascendência italiana, tem a pele muito mais clara do que a minha e a de meu primeiro marido. Portanto, meus dois filhos mais velhos, Rodrigo e Pedro, são mais morenos que Luísa. Quando ela nasceu, ganhou um coelhinho branco de pelúcia. Até uns dez meses de idade, Luísa quase não tinha cabelo e eu costumava por um lacinho de fita na cabeça dela quando íamos passear, para ficar com cara de menina. Como era muito clarinha, eu brincava com ela, provocando risadas com o coelhinho que lhe fazia cócegas de leve na barriga, e perguntava (eu fazia uma voz engraçada): “Menina bonita do laço de fita, qual o segredo para ser tão branquinha?”

O livro foi escrito, pensando nos significados afetivos que a autora tinha com a filha. Não há enunciados na entrevista que mostram alguma relação com as questões de ensino de história cultura afro-brasileira, que o movimento negro naquele contexto reivindicava. Se pensarmos somente no enunciado “menina bonita do laço de fita” e sem a imagem que se refere ao enunciado proposto, possivelmente o interlocutor brasileiro dependendo da sua raça, não relacionaria a frase com a “menina negra”, e sim com qualquer menina da raça branca com um laço de fita na cabeça.

Mas adiante na entrevista, se projetando como sujeito escritora, mulher e mãe, trazem os seguintes enunciados;

Gostei da ideia, mas achei que o tema de uma menina linda e loura, ou da Branca de Neve, já estava gasto demais. E nem tem nada a ver com a realidade do Brasil. Então a transformei numa pretinha, e fiz as mudanças necessárias: a tinta preta, as jabuticabas, o café, o feijão preto etc..

“E nem tem nada a ver com a realidade do Brasil”, Que realidade é essa do Brasil? Para se referir que não escreveu o livro pensando nessa realidade, mas somente porque o tema “de uma menina linda e loura, ou da Branca de Neve, já estava gasto demais”. Como Orlandi afirma: “todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo distantes, têm um efeito sobre o que diz.” Esses dizeres nos mostra como o contexto sócio histórico atravessam um sujeito nos seus enunciados. Somente depois de tentarmos compreender, onde o sujeito se encontra historicamente, podemos se debruçar nos sentidos que esse sujeito traz para um texto.

No áudio livro a história é narrada por uma mulher negra, apresentadora do programa. Começa uma narrativa descritiva da personagem menina negra que diz:

(...) ela tinha os olhos brilhantes como duas azeitonas pretas, os cabelos enroladinhos bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, feito o pelo da pantera negra quando pula na chuva.”

Observamos que, para descrever a menina negra, usam-se elementos da natureza, a azeitona, o céu à noite e um animal que é originário da África: a pantera. Esse modo de descrição da mulher negra caracteriza um discurso que relaciona a mulher negra e seus atributos com o discurso da natureza, relacionando-a com certa “natureza selvagem” inerente a uma condição racial. A partir dessa descrição, podemos observar as relações metafóricas:

(...) olhos negros como azeitonas

cabelos enrolados bem negros como fiapos da noite

pele escura e lustrosa como o pêlo da **pantera** quando pula na chuva.

Esse gesto de leitura da mulher negra é recorrente na história da mulher negra no Brasil, Amanda Braga (2015) em seu livro “História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas”, afirma:

Assim, lado a lado com os monstros humanos, “as diferenças raciais foram a princípio objeto de espetáculo, diante de olhares prontos a adivinhar a anomalia monstruosa sob a estranheza exótica.” Marcam-se, então, os títulos de *selvagem e civilizador*(...). Durante todo o século XIX, assistiu-se à exibição de africanos em feiras, teatros, circos e exposições. Ao lado de animais, ao mesmo tempo em que se expunham para deleite dos europeus(...). Dentre os grupos de raça inferior, a mulher, em particular, figurava como ainda mais inferior, uma vez que era limitada sua capacidade racional em detrimento do seu instinto. (BRAGA, 2015, pg. 41)

Portanto, naquelas condições de produção, o dizer sobre menina negra é pautado por um discurso que ainda não se afasta do tratamento que aproxima a mulher negra de uma objetivação.

Afirmando isto, em contrapartida, hoje, após longas lutas do movimento negro, podemos encontrar outros escritos vindos de mulheres negras sobre meninas negras. Dentre eles, mencionamos o de Kiusam de Oliveira, escritora e ativista feminina dos direitos das mulheres negras, com o livro “O mundo no Black Power de Tayó”

Neste texto as descrições dos olhos, cabelo e pele da menina negra são os seguintes:

“Tayó tem 06 anos. É uma menina de beleza rara. Encantadora, sua alegria contagia a todos que perto dela ficam. Seu rosto parece uma moldura de valor, que destaca belezas infinitas. Assim faz Tayó: todas as manhãs ela se levanta da cama com a certeza de que é uma princesa e, como de costume, projeta em seu penteado a mais exuberante coroa de palha da costa, búzios e ouro.”

As descrições desta autora não remetem a elementos da natureza, eles remetem a traços civilizatórios fortes como, coroa, joias, ouro, etc. Essas descrições apresentam para as meninas uma África, uma cultura, que nem sempre são ditas e descritas em livros de literatura e livros didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debruçamos nos movimentos de análise que estão em andamento, e como o texto em si não é fechado, então as produções aqui de análise do corpus também não o são, estão no início. Porém, algumas considerações valem ressaltar. Partindo das condições de produção podemos afirmar que o contexto sócio histórico, as formações ideológicas, o interdiscurso, formam os enunciados para se referir a menina negra. As inquietações diante do corpus nos propõem buscar os sentidos do nosso objeto de pesquisa, que só conseguimos encontrar nas bases teóricas.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, E. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

FERRARI, A.J. Nomes próprios e descrição: um estudo da descrição e do nome próprio a partir da análise das descrições presentes nos anúncios de fuga de escravos publicados nos jornais de campinas entre 1870 e 1876. 2010. 132 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008. Disponível em: < www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=vtls000439518 >. Acesso em: 07 maio. 2017.

BRAGA, Amanda Batista. História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas/Amanda Batista Braga. São Carlos: EdUFSCar, 2015. 273 p.

FERRARI, Ana Josefina. A voz do dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos no oeste paulista entre 1870-1876/Ana Josefina Ferrari. SP: Pontes. 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar./Eliane dos Santos Cavalleiro. SP: Contexto, 1998.

BRASIL, MEC. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília. DF. Outubro. 2004. Disponível em < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf> >

Acesso em: 09 novembro 2017.

MACHADO. Ana Maria. Entrevista em uma conferência em Montevidéu, sobre o livro “Menina bonita do laço de fita”. Disponível em <<http://www.anamariamachado.com>>

Acesso em: 09 novembro 2017.

MACHADO. Ana Maria. Menina bonita do laço de fita. SP: Ática, 1986. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=w2c4KVTowSg&t=377s>> Acesso em: 09 novembro 2017.

OLIVEIRA. Kiusam de. O mundo no black power de Tayó. SP: Peirópolis, 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XU23FT3vPZM&t=204s>> Acesso em: 09 novembro 2017.

11 ANEXO 3 – PARADIDÁTICO SOBRE AS COMUNIDADES TRADICIONAIS

As comunidades Quilombolas no Brasil

Quilombo “deriva da palavra kilombo da língua Mbundo do tronco linguístico Banto, com significado provável de sociedade como manifestação de jovens guerreiros/as, Mbundo, dos Imbangala. Também a etimologia da palavra deriva do Quimbundo (kilombo) significando ‘acampamento’, ‘arraial, ‘ povoação’, capital, e ainda ‘ exército’.” MOURA.

OP1 Prezado Professor apresentaremos, à continuação, os dados gerais que conceitualizam uma comunidade quilombola, porém esta informação pode ser ampliada em diferentes espaços, como por exemplo no site do INCRA que é citado no final deste volume. O

objetivo deste texto é proporcionar elementos que sirvam de bases para a organização dos planos de aulas, e sustentação de atividades. Como princípio não propomos atividades fechadas, portanto este texto inicial também pode ser usado em sala de aula já que ele possui caráter informativo e é de vocabulário acessível. O mesmo pode ser trabalhado de modo interdisciplinar com os professores de História e Geografia, por exemplo. Também pode ser usado para leitura crítica e para, por exemplo, em uma roda de conversa, discutir sobre os espaços silenciados na história e na sociedade brasileira a partir da pergunta sobre se eles (estudantes) tem conhecimento das comunidades quilombolas no Brasil. A epígrafe também pode ser utilizada como modo de propiciar o trabalho com a variedade lingüística, iniciando com o léxico relacionado com os povos africanos que foram trazidos ao Brasil. Para este trabalho pode ser usada a “Enciclopédia das Línguas no Brasil” elaborada pelo Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp e disponível no site: https://www.labeurb.unicamp.br/elb/africanas/verbete_geral_africano.htm.

As Comunidades remanescentes de quilombos (doravante CRQs) no Brasil são compostas por grupos étnicos raciais descendentes de escravizados que viveram e vivem em constante opressão pelo estado e sociedade desde a época escravocrata. Elas apresentam características específicas como sua organização social, práticas culturais e atividades econômicas. As terras, que os quilombolas encontraram para sobreviver e criar suas famílias, foram somente reconhecidas pelo governo federal, como comunidades remanescentes quilombolas, em 1988. Somente a partir dessa data, estas comunidades tiveram amparo legal para realizar suas reivindicações fundiárias.

Essas CRQs têm características específicas que as definem, a saber: sua relação com a terra; o território em que se encontram; a ancestralidade e a transmissão dos saberes de geração para geração. Seus territórios estão amparados pela constituição no artigo 2º do decreto 4.887/2003. Apesar de o decreto ser uma iniciativa relativamente recente do governo, a elaboração da lei é um ganho histórico sem precedentes e ela visa uma reparação histórica perante os negros (as) escravizados durante séculos no Brasil. Mas, se por um lado, a lei identifica e autentifica essas comunidades remanescentes quilombolas, por outro, sua implementação é lenta.

Os órgãos que oferecem apoio e subsídios às CRQs são: a Fundação Cultural Palmares, que desempenha um papel importante criando projetos, políticas públicas e principalmente certificando a existência dessas comunidades; o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) que fica a cargo da titularização das CRQs, com esses títulos as comunidades tem ferramentas para irem à busca de seus direitos e a Coordenação Geral de Regularização de

Territórios Quilombolas (DFQ) que visa lidar com questões de estrutura regimental. Os organismos de direitos humanos também estão à frente das questões quilombolas, afirmando leis e políticas para esses grupos.

Um levantamento da Fundação Cultural Palmares afirma que há aproximadamente 3.051 comunidades quilombolas em todo o Brasil, dados atualizados em 15/12/2017. Mas pode-se chegar a quase 5 mil comunidades remanescentes quilombolas. De acordo com a Fundação, somente na Bahia há 747 comunidades. Porém, nem todas essas comunidades encontradas estão certificadas pelo estado brasileiro. Esse é um processo que cabe aos órgãos de transmissão de informações e dos direitos quilombolas e da autoafirmação identitária dos membros das comunidades.

As comunidades quilombolas no Paraná

OP2 O texto a seguir apresenta uma breve contextualização sobre a existência das comunidades quilombolas do estado do Paraná. O texto servirá de base para propor atividades de pesquisas na sala de informática da escola, caso não possua proponha para os alunos pesquisarem em casa. O texto especifica quantas comunidades existem e quantas são reconhecidas pelo Governo. O professor pode propor atividades de discussões diante desses dados. O site do INCRA está disponível para consulta nas referências. Como o texto é curto serve para fomentar as discussões junto com os alunos. Na disciplina História propomos que você professor trabalhe as origens históricas dessas comunidades quilombolas, suas características culturais e os direitos sociais dos quilombolas. O professor de Língua Portuguesa pode propor aos alunos que montem um mapa conceitual de todas as informações adquiridas no decorrer da aula. Propomos que passe para os alunos o documentário da comunidade quilombola de Paiol da Telha que se encontra no Youtube, segue link < <https://www.youtube.com/watch?v=7EyOW0iCIFI>>. Também se encontra nas recomendações para o professor um Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira para você planejar as aulas com maiores embasamentos.

No estado do Paraná existem 86 comunidades quilombolas identificadas e 37 já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Ainda assim, muitos dos municípios não sabem da existência destas comunidades, que permanecem em lugares de difícil acesso. As CRQs do Paraná também começaram sua formação no período da abolição do regime escravo em maio de 1888. Apesar dos conflitos entre latifundiários e trabalhadores negros, as apropriações de terras por madeiras, as guerras como a do Contestado e com o Estado de São Paulo e

principalmente depois da abolição da escravidão, as comunidades rurais quilombolas permanecem com sua cultura e tradição como um símbolo de resistência.

Cabe ressaltar, que muitas dessas terras usadas para a reprodução social e cultural dos quilombolas, foram herdadas dos anteriormente proprietários que as deixaram em testamento para aqueles que nelas trabalhavam no período pré e pós-abolicionista. A maioria destas terras encontra-se em lugares longínquos e inóspitos. Com o afastamento das comunidades da área urbana, o estado deixou de lado os quilombos e o exercício dos direitos à educação, saúde, saneamento básico e infraestrutura, ainda são muito precários.

Em 2005, foi criado o grupo de trabalho Clóvis Moura, que começou um levantamento, para desmistificar os dizeres de que, no estado do Paraná, não existiam comunidades remanescentes quilombolas. Esse levantamento foi feito entre os anos 2005 e 2010. O grupo de trabalho percorreu todo o estado identificando essas comunidades. No site do GT Clóvis Moura, as comunidades são organizadas por microrregiões e em todos os municípios. A maioria das CRQs encontradas está na microrregião de Cerro Azul. No Litoral do Paraná, no município de Guaraqueçaba foram identificadas somente duas comunidades que se reconheceram quilombolas, Rio Verde e Batuva.

As comunidades quilombolas do Litoral do Paraná

OP3 As fotos abaixo foram tiradas na comunidade quilombola de Batuva, e o professor pode em conjunto com o professor de geografia trabalhar os fenômenos físicos, biológicos, as causas e relações da localidade que a comunidade quilombola está inserida. Propomos também para o professor de Biologia atividades que trabalhem os conhecimentos sobre o meio ambiente, os biomas naturais e a biodiversidade do ecossistema. O texto abaixo contextualiza a comunidade quilombola certificada pela fundação Palmares encontrada no estado do Paraná. Para o professor obter um maior conhecimento das certificações dessas comunidades, o site da Fundação Palmares se encontra no final desse material nas referências.

Propomos que leia o livro “Minha triste alegre história de vida” que está citado nas referências para planejamentos de aula. Os transcritos têm como objetivo apresentar um texto autêntico produzido por um membro da comunidade quilombola. É a partir dele que se apresenta a comunidade, a voz dos quilombolas, como conceituam e descrevem a comunidade em si. No ensino das artes o livro pode ser usado para propor apresentações de peças teatrais, pois é um livro com uma leitura acessível para os alunos. Para o ensino de Artes propomos atividades em forma de apresentações de seminários. Nas aulas de língua Portuguesa os alunos podem formar grupos e cada grupo ficar com um determinado transcrito e estudarem

fora da sala de aula os assuntos para serem abordados. Segue para você professor uma monografia para aprofundamento no assunto e com isso, ensinar os seus alunos. Monografia

“Reconhecimento Comunidade Quilombola – Batuva” Luís Carlos Rosa.

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57199/R%20-%20E%20-%20LUIS%20CARLOS%20DA%20ROSA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>



Foto Ana Josefina Ferrari

No litoral do Paraná as comunidades remanescentes quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares são: Rio Verde e Batuva. Essas comunidades estão localizadas a 36 quilômetros do município de Guaraqueçaba. A CRQ de Rio verde é formada por descendentes de escravizados que vieram do município de Cananéia no estado de São Paulo. Os antigos, como são denominados pela comunidade, vieram caminhando pelos morros. A caminhada teve passagem pela divisa de São Paulo/Paraná no caminho do Taquari até chegarem à região do Sítio Coqueiro, Comunidade de Batuva. Estes primeiros povos dividiram-se em dois grupos: um formou a comunidade de Rio verde e o outro a de Batuva.

O Líder da CRQ Batuva professor Ilton Gonçalves, tem uma história de luta e resistência com a comunidade. O Professor Ilton segue por todo o Brasil, reivindicando os direitos quilombolas, e a implementação das leis e políticas públicas. Com uma caminhada de muitos anos nessa luta é um professor amante da escrita poética. Ele escreveu o livro *Minha triste Alegre Historia de Vida* em 2013. Neste livro, encontram-se relatos e vivências de um quilombola, líder, professor, pai e avô.

A continuação alguns escritos inéditos do Profº. Ilton Gonçalves sobre a história e cultura da comunidade remanescente quilombola Batuva-PR. Eles são ferramentas importantes para aprender sobre essas comunidades quilombolas da mão das próprias comunidades.

13 Mini-Radiografia de Batura

1. A comunidade de Batura
Há mais de cento e quarenta anos existe.
Com todo percalço e resistência.
Os hábitos, saberes, costumes e tradição
persiste.
2. Limita-se com municípios de Cananéia
Grande estado de São Paulo.
Onde viveram meus avós e meus pais,
Ali, no mesmo sítio ainda moro.
3. A trinta e dois quilômetros de distância
Da cidade Guaraguaçu
Lugar humilde e carente.
Mas seu povo não perde a dignidade.
4. Com toda dificuldade e carência,
Mantenho a comunidade no coração
Por estar juntinho dela.
Dei a totalidade das residências e da
população.
5. Setenta e seis famílias permanentes
Temporários apenas oito.
No endereço BR quatrocentos e quatro
Agrupados no quilômetro dez e oito.

6. Totalizando duzentos e sessenta e cinco habitantes.

Nem todos conhecem sua própria
dos habitantes total
Cento e quarenta se declaram

7. No meio da atual população de Vinte e oito são aposentados Mostra que há um número exp de idosos.

De cinquenta e cinco a oito
nove anos de idade.

Sobrevivência

8. A principal atividade hoje, Ainda é a plantação.

Arroz, mandioca, milho e legum
Hortaliças, frutas, palmácia, e um po
de feijão.

No passado

9. Equino, bovino, muito suíno e Bom tempo que já se foi.

Hoje fauna e muita flora al
Pato, ganso, galinha e um po
de boi.

de voz.

Comida típica

PanAmérica

10. A comida pioneira.

Somente em dia de mutirão

Picadinho de carne gorda de porco

Cozido com arroz enfiado de quatro tijos

11. Coisas de meus ancestrais,

De minha idíia não escapa

Farinha de milho feito no forno de colva

Era a mistura do café feito de garapa

Sociedade

12 Os mais idosos ainda usam.

Falando na linguagem popular

Uma variedade de ervas e raízes

Preparam seus cordões.

Transporte

13. Bicicleta, carro, moto, cavalo.

Ônibus, somente duas vezes por semana

Nesse caso as pernas não podem ser

dispensadas.

Porque o ônibus respeita feriados, falta de combustível e peças quebradas.

Educação

14. Uma professora, dá aula pela manhã
Uma outra, dá aula depois.

15. Com uma única sala multisseriada,
Construída em retorta e dois

15. Após o quinto ano

A Guaraguapala tem que se deslocar

Saindo às cinco horas da manhã

Para as sete e meia em Guaraguapala
chegar.

16. A merenda, uma das boas

Sempre um biscoito com chá

Chegando às quatorze horas em casa

Aí sim, é que vai almoçar.

Comunicação

17. Em relação a comunicação,

Somente um olho de péssima qualidade

Quando funciona um dia

Trinta dias fica parado.

Religiosidade

18. No caso religioso

Escrevo (escrevo) o que vejo e lembro
Não é exagero não.

Há mais igrejas do que membros

19. Dão as igrejas existentes.

Espaço em que cada um de nós leu

Paulo Sérgio

1 1 1 1 1 1 1 1 1 1

Adventista, Católica, Igreja de Deus,
Presbiteriana, Congregação Cristã e Deus é
amor.

Comércio

20. Dentro da comunidade

Somente uma mercearia há

Por falta de opções

Ali se obriga a comprar

10

Desafio

21. O maior desafio hoje...

Lutar com garra, persistência e seriedade

Não descansar a luta pela política pública.

Até chegar à comunidade

22. De recursos naturais,

A população possui a maior riqueza

O difícil é extrair sua sobrevida

Deusa gigantesca natureza.

23. Gostaria de fazer um retrato da comunidade.

Para isso precisaria ser um semi

Relato com as mais simples palavras

Porque é dom que eu não tenho

Paulo Sérgio

Conclusões

1 1 1 1 1 1 1 1 1 1

24. Para dar este pequeno detalhe

Procurei as palavras resumidas

Para não me causar desconforto

Noventa e seis frases escrevi

Batura, novembro de 2015.

Ilton Gonçalves



Foto: Ana Josefina Ferrari

Relatos

OP4 O professor poderá compreender mais sobre os processos históricos que as comunidades quilombolas enfrentam nos dias atuais através deste relato. Como havia mencionado esses relatos são de membros da comunidade quilombola, dizeres autênticos sobre sua história e modos de viver. O professor poderá propor aos alunos que façam uma atividade de pesquisa na internet, em livros didáticos, jornais, revistas, sobre os costumes, culinária quilombola e o trabalho na roça. Posteriormente sugira uma roda de conversa com os alunos e a partir desse relato mencionado comparem e reflitam esses dizeres.

A partir deste momento, apresentaremos o relato de uma moradora da Comunidade quilombola: Valdirene Cordeiro da Silva. Esta jovem moradora nos descreve o que significa ser quilombola hoje.

Nasci e cresci na comunidade de Batuva, ouvindo histórias de sofrimento, luta e superação. Para mim eram histórias não dava muita importância. Queria mesmo era afastar daquela realidade, ser do tipo que ninguém olhasse com discriminação pela minha cor, por ser pobre por ser do Coqueiro. Hoje casada com dois filhos lindos parei para pensar: Meus filhos vão viver a realidade que vivi. As histórias precisam continuar. Precisam ser contadas ou do contrário serei uma pessoa que não teve passado.

Momentos para refletir: Em um trabalho que é feito há muitos anos por gerações, o que espanta não é a duração, mas sim a visão que se tinha e a que se tem hoje. Durante a colheita de arroz a qual reunia ali três gerações, pais filhos e netos, dois irmãos param por um instante e relembram o tempo que trabalhavam descalços com frio, por não ter o que vestir e de sua mãe catava ali aquele arroz corria para bate torrava no fogo para assim poder pilar matando assim a fome de sua família. Com o feijão a mesma coisa era catado as vagens ainda verde que quando cozido o caldo não tinha nem cor. Hoje eles viam ninguém falando de torrar arroz nem cozinhando feijão verde. Ainda dizem que as coisa tá ruim. Será que estão melhores ou as tradições foram esquecidas.

Valdirene Cordeiro da Silva

Atividades:

OP5 Propomos algumas atividades que possam servir de base para outras futuras atividades em sala de aula com os alunos. Todas as perguntas são discursivas e de interpretação textual. Propomos as perguntas para serem trabalhadas nas disciplinas de Língua Portuguesa, História e Geografia, mas ficará a critério do professor. As tarefas de investigação aqui mencionadas são atividades que os alunos possam exercer o papel de pesquisador de uma temática e isso é essencial para a sua autonomia. Professor proponha com bases nessas, outras atividades de investigação. O mapa poderá servir de base para outras atividades de leitura e compreensão.

Para refletir

1. - A partir da leitura dos textos apresentados, organizar os estudantes em roda e proponham uma conversa com eles. Perguntar aos estudantes se conhece ou sabem da existência destas comunidades.

2. - Nos textos foram descritos alguns modos de constituição destas comunidades, porém não foram esgotadas as possibilidades. Sendo grupos populacionais constituídos a partir de uma relação muito forte com o período do Império, em conjunto com o professor de História, entre os estudantes e os professores levantem hipóteses de quais os modos, além dos mencionados, que poderiam ter se constituído as comunidades quilombolas no

Brasil. Pode perguntar se lembram de algum exemplo significativo. Para colaborar com a temática pode ser proposto assistir o filme Zumbi dos Palmares que relata a história do maior assentamento quilombola da história do Brasil.

3. - Tarefas de investigação:

As tarefas de investigação têm como objetivo propor aos estudantes que se aprofundem na problemática. Na sequência, sugerimos uma série de perguntas que podem ser colocadas para guiar a pesquisa dos mesmos.

3.a- as comunidades quilombolas são todas localizadas em ambientes rurais?

3.b- Olhando o mapa



Observe com atenção: Perto de sua localidade há alguma comunidade quilombola?

Qual é a mais próxima? O que ela faz para subsistir?

Onde está a maior concentração?

Elabore hipóteses sobre o motivo pelo qual há territórios nos quais as comunidades são mais próximas. Para constatar ou refutar as hipóteses, consulte os sites propostos na página 10.

Para o professor.

OP6 As recomendações a seguir serviram de base para você embasar seus planos de aulas. Os sites foram selecionados se baseando nas leis que subsidiam o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas. Os filmes podem ser passados para a turma desde que tenha uma pós-reflexão e discussão em sala. Os livros são um suporte para você professor conhecer a história dos negros do Brasil e dos quilombos.

Recomendações:

Sites	Filmes	Livros
Grupo de Trabalho Clóvis Moura. http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16	Besouro	<i>Minha triste e alegre historia de Vida</i> – Profº Ilton Gonçalves
INCRA http://www.incra.gov.br/quilombola	Ôrí	<i>Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil</i> – Eliane Cavallero
Fundação Cultural Palmares http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551	Atabaque Nzinga	<i>O dono da Voz</i> – Ana Josefina Ferrari
Géledes https://www.geledes.org.br/	Quilombo Rio dos Macacos	<i>Um defeito de cor</i> – Ana Maria Gonçalves
IdentiAfrica https://rmirandas.wixsite.com/identiafrica/single-post/2017/03/01/27-escritores-africanos-para-seu-conhecimento-e-quebra-estere%C3%B3tipos	Documentário Terra – Comunidade Quilombola Paiol da Telha	<i>Inventário Cultural de Quilombos do vale do Ribeira</i> - Editores Anna Maria Andrade, Nilto Tatto
Blog Mutirão das Memórias http://mutiraodasmemorias.blogspot.com/		
Diretrizes curriculares para Educação do Campo http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf		

Referências

- GONÇALVES, Ilton. **Minha triste alegre história de vida**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013. 200 p.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 112 p.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. São Paulo: Record, 2006. 952 p
- FERRARI, Ana Josefina. **A voz do dono: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos**. São Paulo: Pontes, 2006.
- BRASILIA. Incra. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Perguntas e respostas**. 1970. Disponível em: <www.incra.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2018.
- BRASÍLIA. Fundação Cultural Palmares. Instituição Pública. **Quadro geral CRQs**. 1988. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- CURITIBA. GT CLÓVIS MOURA. . **Grupo de trabalho Clóvis Moura: Comunidades Tradicionais Negras - Remanescentes de Quilombos**. 2010. Disponível em: <<http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 10.
- ANDRADE, Anna Maria; TATTO, Nilto (Ed.). **Inventário Inventário Cultural de Quilombos do vale do Ribeira: Abobral (Margem Esquerda), Bombas, Cangume, Galvão, Ivaporunduva, Mandira, Maria Rosa, Morro Seco, Nhunguara, Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima, Pilões, Porto Velho, Praia Grande, São Pedro, Sapatu**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013. 378 p. Disponível em: <file:///C:/Users/LABOMIDIA/Desktop/pdf-publicacao-final_inventario.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- MAZEPA, Carlos (Ed.). **Documentário Terra: Comunidade Quilombola Paiol da Telha**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7EyOW0iCIFI>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

12 ANEXO 4 – PARADIDÁTICO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

EDUCAÇÃO DO CAMPO

“O Hoje é o irmão mais velho do Amanhã, e a
Garoa é a irmã mais velha da Chuva.” Provérbio Africano.

OP1 Prezado professor apresentaremos a você como se contextualizou a educação do campo em linhas gerais. Os primeiros textos a seguir serviram de bases para a organização dos planos de aulas, e sustentaram as atividades. Propormos para você que trabalhe a epígrafe do

texto com os alunos ensinando sobre os funcionamentos dos provérbios africanos na cultura afro-brasileira. O texto abaixo cita algumas datas, seria interessante que o professor de História proponha aos alunos que pesquisem em sala ou fora de aula, a relação dessa data com a educação popular no Brasil e o porque que são marcos importantes na educação do campo. O professor poderá propor atividades para os alunos pesquisarem sobre a Escola da Terra e Escola da Roça e outros projetos parecidos que contribuíram para o ensino no campo. Posteriormente essas pesquisas serviram para trabalhar a produção textual sobre o assunto.

A questão agrária é histórica e está no centro republicano e oligárquico no Brasil. Até então a educação rural não era mencionada nos textos constitucionais de 1824 - 1891. Nos anos de 1910-1920 houve uma forte imigração interna do campo para cidade, e somente nesse momento que o Brasil começou a se preocupar com a educação rural. Então surgiu o ruralismo pedagógico com duração até 1930. As classes privilegiadas na cidade, dizia que as pessoas do campo não precisavam estudar. O próprio termo rural tem a mesma raiz de 'rústico' e 'rude' enquanto a cidade dá origem a termos como 'cidadão' e 'cidadania'.

A educação do campo surgiu no país na década de 1990, porém suas raízes já existiam bem antes dos movimentos populares começarem. A população rural já questionava seus direitos. O MST (movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra) protagonizou um dos movimentos sociais mais importantes para se preocupar com a concepção de educação rural. Nessa mesma época do surgimento, houve o I ENERA (encontro de educadores da reforma agrária). A partir desses encontros os movimentos inicia uma luta atrás de políticas públicas para a população rural. Em 2002 o governo aprova as diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. As diretrizes compõem não só pautas para a oferta de educação básica para a população rural como o atendimento educacional para povos que residem nas zonas rurais com conteúdo, metodologias e calendários específicos que atendam a população rural. No Artigo 28 da LDB, afirma que,

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Existem alguns artigos que estabelecem orientações para atender as realidades da educação do campo, mas ainda assim com esses avanços, as escolas rurais e urbanas continuam com seus PPP (plano político pedagógico) em situações de exclusão. Infelizmente não houve historicamente o empenho do poder público para implantar os sistemas educacionais adequados às necessidades das populações rurais. No estado do Paraná a trajetória foi lenta e precária, mas

ocorreram importantes incentivos, como projetos e programas especiais como a Escola da Terra, Escola da Roça e de alfabetização de jovens e adultos nos assentamentos Paulo Freire ofereceu uma contribuição significativa para o acontecimento da educação para todos, com uma concepção de educação dialógica, crítica e emancipatória.

ESCOLAS COM PROJETOS POLITICOS PEDAGOGICOS DIFERENCIADOS NO PARANÁ

OP2 O texto a seguir serve para você professor conhecer quais escolas no estado trabalham com projetos políticos pedagógicos que incluem as diretrizes da educação do campo. Propomos que trabalhe as diretrizes curriculares da educação do campo com os alunos, dividindo os em grupos para apresentarem os tópicos que acharam mais importantes para uma escola estar mais qualificada para oferecer uma educação de qualidades para os alunos do campo e da cidade. O professor de Língua Portuguesa poderá propor aos alunos que usem de seu senso crítico e montem alguma proposta pedagógica diferenciada para a escola em que estão inseridos. Deixo aqui uma sugestão de leitura para a atividade. O material “DA REALIDADE LOCAL DAS ILHAS AOS EIXOS TEMÁTICOS NA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR” segue o link <
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/1semestre2016/roteiro_fa_dedi_ilhas.pdf>

As diretrizes curriculares da educação do campo foi um marco muito importante para uma afirmação de um direito de educação universal. É caracterizada como um resgate de uma dívida do Estado para a população rural. Ao longo de décadas esses sujeitos foram marginalizados por modelos pedagógicos que não viabilizavam a diversidade sociocultural e suas práticas sociais. Como afirma nas diretrizes curriculares do campo, “a definição de escola do campo tem sentido somente quando pensada a partir das particularidades dos povos do campo”.

Importante ressaltar que as diretrizes são formadas por eixos temáticos e alternativas metodológicas que são: trabalho: divisão social e territorial, cultura e identidade, Interdependência campo-cidade, questão agrária e desenvolvimento sustentável, Organização dos saberes escolar: investigação e interdisciplinaridade como princípios pedagógicos e organização do tempo e espaço escolar. Esses são temas que mais carecem de ênfase no

ambiente escolar no campo e que foram debatidos em diversos encontros dos movimentos sociais da população do campo.

Existem escolas que promoveram métodos educacionais que regem as diretrizes curriculares do campo aqui no estado do Paraná, entre elas as escolas das ilhas do litoral do Paraná. O litoral do Paraná é bem extenso por conta de suas ilhas que fica ao entorno do município de Guaraqueçaba, compõem aproximadamente 98 km de extensão. Dentro dessa área geográfica encontram-se comunidades tradicionais como: indígenas, ribeirinhas, ilhéus, caiçaras e quilombolas. Essas comunidades tradicionais vivem em um contexto de discriminação social e em situações precárias, onde as políticas públicas demoram em serem implementadas.

As margens desse contexto das ilhas existem 11 escolas que funcionam para atender a educação básica de ensino. Uma dessas escolas que estão nas propostas pedagógicas das escolas das ilhas do litoral do Paraná e a escola estadual Antônio Paulo Gomes de ensino fundamental localizada na Ilha de Amparo no município de Paranaguá. O PPP (projeto político pedagógico) da escola afirma que:

“a escola da e na Ilha precisa ser pensada considerando a realidade local, não esquecendo é claro que o mundo é maior do que a Ilha, mas também trabalhando de forma contextualizada, utilizando-se do conhecimento tradicional e estabelecendo-se as relações para chegar ao conhecimento científico, resgatando e valorizando a cultura local.”

Essa é uma das escolas que dão ênfase no cotidiano real do aluno na comunidade em que está inserida, priorizando as especificidades.

ESCOLAS QUILOMBOLAS

OP3 Professor o texto abaixo é uma base para você compreender sobre as escolas quilombolas existentes no estado do Paraná. Citamos algumas escolas que estão localizadas nas ilhas do litoral do estado. No final deste texto contém um vídeo relatando as dificuldades que as crianças quilombolas passam para ir até a escola do município próximo. O texto serve de base para você propor planos de aula investigativos, faça pesquisas com seus alunos sobre as escolas quilombolas do Paraná e onde estão situadas e sua história de formação. Proponha que elaborem uma maquete de uma escola quilombola que vocês gostariam que existisse na comunidade quilombola de batuva PR. A maquete será embasada nas diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola, o link está inserido nas referências no final. O vídeo servirá para ser visto com os alunos. Posteriormente o professor poderá discutir os processos que a educação quilombola enfrenta em dias atuais e as necessidades de uma escola quilombola que atenda essas crianças.

Existem escolas quilombolas que o projeto político pedagógico é embasado nas diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola. Estas diretrizes têm como principal objetivo dialogar com a realidade sociocultural e política das comunidades quilombolas no Brasil. No portal do MEC a um índice de 1. 253 escolas em áreas remanescentes quilombolas, no estado do Paraná existem 17 escolas. Fonte do ano de 2007 realizado pelo INEP

Uma dessas escolas diferenciadas é a Escola Estadual Quilombola Diogo Ramos do quilombo João Surá que se encontra no município de Adrianópolis no estado do Paraná. A escola hoje se encontra com uma sede que atende 630 alunos matriculados nos três turnos. A metodologia escolar quilombola inclui materiais didáticos que reconhecem as suas próprias organizações sociais, culturais, religiosas, ancestrais e econômicas. Também inclui cardápio e calendário específicos que visam o resgate da cultura de cada comunidade quilombola.

Porém a realidade dessas escolas não condiz com o que está proposto nas leis que amparam as comunidades tradicionais rurais que vivem mais afastadas. A figura abaixo é de um vídeo onde Clemilda Santiago Neto secretária de Educação do Paraná, mostra a situação que as crianças da comunidade remanescente quilombola de Batuva –PR, enfrentam todos os dias para irem estudar no município de Guaraqueçaba, pois a escola municipal da comunidade só vai até a 4º série. O ônibus escolar quando está em dias de chuva não consegue passar, pois o acesso é difícil e precário, o ônibus deixa as crianças na beira da estrada e elas andam quilômetros para chegar a suas casas, cansadas e com fome. Segue vídeo nas referências.



CRIANÇAS DA CRQ DE BATUVA VOLTANDO COM CHUVA DA ESCOLA

Relatos

OP4 Segue para você professor um relato de uma mulher quilombola da comunidade de Batuva PR. As vivências aqui relatadas servem de base para você compreender de fato a importância da educação do campo nas escolas e como se dá esses movimentos do campo/cidade com a educação. Proponho que o professor passe o filme dirigido por Yimou

Zhang “Nenhum a menos” (1998). O filme se passa na china e se encontra nas locadoras e internet para download.

Me lembro que desde criança eu e meus irmãos sempre ajudamos nas tarefas da roça.

Quando estudávamos ainda no Batuva, chegava da escola comia o que tinha e ia para a roça. Para chegar lá tinha um morro alto, muitos dias de sol quente confesso que a preguiça tomava conta.

Foram dias felizes, hoje eu sei como era gostoso estar naquele morro capinando mandioca, aquele ventinho batendo, deserto e tranquilo. Quando era plantio que a roça estava toda no aberto, não tinha sombra, aí era duro! Eu e meus irmãos com a ideia de acabar logo com as sementes, quando via aqueles buracos no meio da roça tratava logo de entupir de sementes, achando que os pais nunca iam descobrir, imagina! E a volta para casa, descer aquele morro época de colheita todos carregados. A perna tremia naquela descida. Isso se repetia todos os dias, sobrevivemos e é uma coisa que fica para a história ou então quem seríamos sem passado e sem história. Na roça na roça é erro de repetição

Quando fomos estudar em Guaraqueçaba iniciava também o martírio. Na nossa comunidade sempre fomos tratados como a negrada do Coqueiro.

Indo para a escola em Guaraqueçaba já tínhamos um rótulo. Começamos viajando no Graciosa, devido as condições da estrada a empresa retirou o ônibus. Depois disso a prefeitura assumiu, passamos a viajar enlatados numa combi. Na maioria das vezes éramos vasculhados em um caminhão basculante todos os dias. Isso quando não atolava e aí tinha que chegar a pé na escola ou em casa.

Quando o caminhão entrava na cidade todos se abaixavam ou então descia antes do ponto.

Tínhamos que nos superar todos os dias, os mesmos olhares os mesmos desprezos. Acredita! Que quando era trabalhado leitura na sala de aula eu tinha vergonha de usar o L o S. Porque eu pensava os outros iam achar que era metidesa. Aí lia errado de vergonha de ler corretamente, "doideira" não é. Mas era medo do preconceito. Se eu vivia naquele espaço não podia pisar no espaço do outro, se andava de chinelo ou descalço não tinha o direito de calçar coisa melhor, porque eu tinha que estar no meu lugar. E qual era meu lugar? Viver dentro da sociedade valorizando minhas raízes, origens sem ter vergonha de ser quem sou.

Hoje ainda luto contra isso, mas tento passar para meus filhos que não devemos nos esquecer quem somos de onde viemos e para onde queremos ir. Todos os sonhos, objetivos são para ser realizados, conquistados e todos somos capazes.

Valdirene Cordeiro da Silva

Para o Professor

OP5 As recomendações a seguir foram selecionadas para você conhecer mais sobre a educação do campo e se aprofundar nas questões que norteiam a educação do campo. Os sites foram selecionados se baseando nas leis que subsidiam o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas. Alguns vídeos são documentários que dão base para você trabalhar com os alunos a relação que o campo tem com a escola e esses povos tradicionais. Os livros que mencionados a baixo são de escritoras que dominam a temática e deve ser lido para você professor construir planos de aulas com embasamentos.

Recomendações:

Sites	Filmes	Livros/Artigos
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf	Cores e Botas - de Juliana Vicente	As dores da dona Mariana – Ana Josefina Ferrari
Wordpress blog Mutirão das Memórias http://mutiraodasmemorias.blogspot.com/	O Dia de Jerusa - Viviane Ferreira	Um defeito de cor – Ana Maria Gonçalves

Diretrizes curriculares para Educação do Campo	Educação do campo - Documentário	Educação do campo - Clarice Aparecida dos Santos
IdentiAfrica https://rmirandas.wixsite.com/identidafrika/copia-agradecimentos	Documentário - Mitã	
Géledes https://www.geledes.org.br/	Sementes do nosso Quintal - Therezita Pagani	
	Filme dirigido por Yimou Zhang "Nenhum a menos" (1998)	

QUESTÕES

OP6 As questões a seguir são de cunho discursivas e são bases para o professor trabalhar em planos de aulas com os alunos. Serviram para outras atividades futuras ao longo que a temática for sendo desenvolvida em sala.

Você conhece alguém que mora no campo e que estuda na cidade? Converse com essa pessoa para entender suas particularidades.

Faça um debate com os alunos. Organize de um lado um grupo que é contra as políticas públicas que dão suporte para a educação no campo. Do outro lado um grupo a favor. Antes do debate utilize uma aula para ensinar os funcionamentos e regras de um debate e para organizar os grupos.

Existe alguma escola que segue os eixos temáticos e alternativas metodológicos para uma educação diferenciada na sua cidade?

O PPP (projeto político pedagógico) da escola em que você está inserido tem um modelo pedagógico que se direciona para os sujeitos do campo?

Quais metodologias poderiam ser propostas para uma melhoria da educação escolar e que de suporte para esse aluno do campo?

Existem crianças na sua região que vivenciam essas lutas diárias que aparecem nos relatos das mulheres do quilombo de Batuva-PR?

Proponha uma saída de campo para seus alunos visitar uma escola rural se existir em seu município. Os alunos deveram observar e anotar as diferenças e semelhanças entre a escola urbana e a escola do campo. Essa atividade vale também para o professor que leciona em uma escola rural, leve seus alunos para uma escola da cidade e proponha essas atividades de comparações.

Referências

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. São Paulo: Record, 2006. 952 p
FERNANDES, Bernardo Mançano; SANTOS, Clarice Aparecida dos
(Org.). **Educação do campo: políticas públicas**. Brasília: Incra; Mda, 2008. 109 p. (10).

FERRARI, Ana Josefina. As dores da dona Mariana. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO: 1983 - 2013 – MICHEL PÊCHEUX: 30 ANOS DE UMA PRESENÇA, 6, 2013, Porto Alegre. **Artigo**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. p. 1 - 7. Disponível em: <<http://analisedodiscursos.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AsDoresDaDonaMariana.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2018.

EDUCAÇÃO, Secretaria da. **Colégio estadual quilombola Diogo Ramos**. Disponível em: <<http://www.adpdiogo.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

MEC; SECADI. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola**. 2012. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **ESCOLA ESTADUAL ANTONIO PAULO LOPES Ensino Fundamental**. 2015. Disponível em: <<http://www.pngantonioplopes.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/21/1840/1870/arquivos/File/ppp.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2018.

MEC. **Educação quilombola: escolas**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/educacao-quilombola-/321-programas-e-acoes-1921564125/educacao-quilombola-1712549791/12398-educacao-quilombola-escolas>>. Acesso em: 01 out. 2018
SANTIAGO NETO, Clemilda. **Crianças da CRQ de Baturva voltando da escola com chuva**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sPmna-gFvcg>>. Acesso em: 05 set. 2018.

PARANÁ. Departamento da Diversidade Coordenação da Educação do Campo. Superintendência de Educação (Org.). **FORMAÇÃO EM AÇÃO: DA REALIDADE LOCAL DAS ILHAS AOS EIXOS TEMÁTICOS NA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR**. Paraná: Governo do Paraná, 2018. 9 p. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/1semestre2016/roteiro_fa_dedi_ilhas.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.